



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRCTO SENSU* EM
LETRAS**

MARTA BONACH GOMES

A EXPRESSIVIDADE LÍRICA NA POESIA DE CORA CORALINA

GOIÂNIA

2018

MARTA BONACH GOMES

A EXPRESSIVIDADE LÍRICA NA POESIA DE CORA CORALINA

Dissertação apresentada como requisito de avaliação para Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, junto à Linha de Pesquisa em Crítica Literária.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles

Coorientador: Prof^o Dr. Ulysses Rocha Filho.

GOIÂNIA

2018

G633e Gomes, Marta Bonach
A expressividade lírica na poesia de Cora Coralina
[recurso eletrônico] / Marta Bonach Gomes.-- 2018.
83 f.: il.

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
em Letras, Goiânia, 2018
Inclui referências, f. 81-83

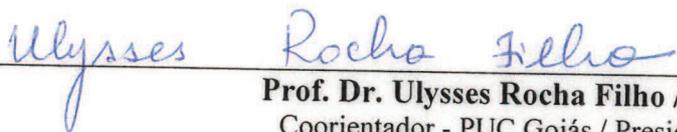
1. Coralina, Cora, 1889-1985 - Crítica e interpretação.
2. Literatura goiana - História e crítica. 3. Poética.
I. Teles, Gilberto Mendonça. II. Rocha Filho, Ulysses.
III. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. IV.
Título.

CDU: Ed. 2007 -- 821.134.3

A EXPRESSIVIDADE LÍRICA NA POESIA DE CORA CORALINA

Dissertação aprovada em 13 de dezembro de 2018, no curso de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho / UFG
Coorientador - PUC Goiás / Presidente

Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles
PUC Goiás/ Orientador



Prof. Dr. Wolney Alfredo Arruda Unes
UFG / Examinador Externo



Prof. Dr. Divino José Pinto
PUC Goiás / Examinador Interno

Prof. Dr. Átila Silva Arruda Teixeira
PUC Goiás / Examinador Interno Suplente

Profa. Dra. Elizete Albina Ferreira
ALFA / Examinadora Externa Suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus

Primeiramente agradeço ao Criador, pela Palavra que se faz a partir do silêncio. Onipotência, Onipresença e Onisciência. Com sua terna e indizível misericórdia, nos faz voltar o olhar de adoração na certeza de que a síntese da vida é a ressurreição. E compreendemos que o homem participa de muitas almas no poema da vida. Obrigada Senhor, por me conceder a segunda chance na minha vida, pelo dom da vida, por me ter nas garras da graça, por me fortalecer através do Espírito na fé e coragem para prosseguir, todos os dias, seguir essa caminhada com amor e pelo amor. A Ti meu Criador, toda honra, toda glória eternamente, amém.

Aos que amo

À minha mãe Ana de Lourdes Magalhaes Bonach, devo tudo que sou hoje, ensinou-me agir com dignidade, honestidade e respeito. Aos meus irmãos, na sequência: Márcia, Lúcia, Luiz - fonte a que sempre retornamos. À minha família, Raudan meu esposo, com amor que me acompanhou, criando sempre um novo dia, uma nova esperança; incentivou e compartilhou com maestria as batalhas na procura do saber, e compreendeu minhas renúncias, Obrigada. Ana Clara, João Felipe e Raudan Júnior, filhos incríveis, da primogênita meus netos: Arthur e Stella, base da minha vida, Eduardo meu genro: homem forte de muita fé. Foram as pessoas mais presentes durante toda minha trajetória acadêmica, meu incentivo e amor incondicional. Obrigada pela doação, oração, carinho, dedicação e paciência! Aos sobrinhos: Guilherme, Lucas, Luiza e Helyana. Amo vocês imensamente!

Aos Mestres

Aos dois Professores, brasileiros e Doutores: Ulysses Rocha Filho e Gilberto Mendonça Teles, goianos autênticos, quem acompanharam a elaboração deste trabalho e muito contribuíram para a sua realização e condução de trabalhos e ensinamentos, e sem dúvida

ultrapassaram o ambiente acadêmico doando valor para a vida. À minha primeira orientadora e Professora Dr^a Maria de Fátima Gonçalves Lima, por ter me orientado e dedicado sua atenção, sabedoria e tempo para realização desse trabalho.

Aos mestres/doutores: Éris, Aguinaldo, Teresinha, Lacy, Maria Aparecida (querida Cida), aprendi muito mais do que crítica literária, sempre com o corpo presente e o coração aberto, a quem devo a alegria de reencontrar sentido e satisfação na pesquisa acadêmica. Foram fonte de conhecimento e experiências, contribuindo com meu processo de formação, compartilhando momentos bons e inesquecíveis para o meu crescimento.

Agradeço à Professora Dr^a. Maria de Fátima Gonçalves Lima, que muito contribuiu para que este trabalho ganhasse corpo e forma escrita; pessoa inestimável que acreditou na mestrandia que veio de longe e ultrapassou as cidades, trilhando caminhos da vida e percebendo nas dificuldades, a força. Até que alcançou o espírito mais livre do que nunca e superou limites.

Entre tantos outros Mestres que, de alguma forma, partilharam os passos deste caminho, quero destacar: Divino José Pinto. Meu reconhecimento a esse querido Orientador de primeira grandeza.

Pertencendo necessariamente ao texto de abertura no aspecto mais digno de apreço neste ensaio, deriva justamente pela confiança, gostaríamos de registrar nosso reconhecimento ao Professor Dr. Ulysses Rocha Filho, na condição de (co) Orientador pelo interesse em selecionar o presente texto para publicações de artigos, que acompanhou nossas pesquisas com importantes críticas e preciosas sugestões. *Sigamos conversando e aprendendo...*

A todos colegas (especialmente Jú, Jacy, Rosangela e Wanice) criamos um grupo de orientação com longas conversas sobre nossas inquietações, e aos que direta ou indiretamente fizeram desta trajetória um sucesso, o meu muito obrigada!

Aos ausentes

À memória

E à presença de Luiz Bonach.

Pequenas serão as palavras diante dos sentimentos que tenho em meu coração, principalmente num momento como este, muito aprendi com suas leituras de livros de bolso

(eu comprava e trocava com prazer). Só tenho a agradecer por tudo o que fizemos juntos, mesmo não estando presente, em corpo, tenho a certeza de que em algum lugar você torce por mim em vibrações de harmonia perfeita que me dão forças para continuar nesta luta.

RESUMO

A presente investigação parte da *performance* do eu lírico em textos escolhidos de Cora Coralina, pseudônimo de ANA LINS DOS GUIMARÃES PEIXOTO BRETAS (1889-1985). O pseudônimo foi, prematuramente (1907), um dos seus mais expressivos inventos literários, responsável direta e indiretamente pela disseminação do seu nome como escritora. Aprofundaremos nas análises de seus escritos em prosa e verso no sentido pleno do texto que será preservado, no nível da memória e da sensibilidade, filtrada no olhar de hoje desde sua produção, até suas particularidades e suas complexidades no campo da poesia que enriquece a literatura brasileira. Para tanto, a voz poética atribui novos significados dos quadros na memória, da história nacional e das especificidades da cultura goiana além de encaminhar o leitor a pensar e se inquietar com a obra escolhida. Nesse sentido, a pesquisa se propõe realizar estudo interpretativo sobre as escrituras de seus textos poéticos a partir da identificação dos pressupostos teóricos de PAZ (1982) e TELES (2003) ressignificando as formas poéticas transmitidas pela voz (ainda que escritas), o ambiente cultural, o valor artístico do texto lírico, explorando os traços poetizados das descrições históricas, humana e belezas naturais da terra. Dessa forma, a carga poética marcada por uma força vinda do coração do Brasil, que enaltece os ermos goianos, a antiga capital de Goiás, com suas pedras, seus becos e histórias mais serão enaltecidos e caracterizados como a fortuna crítica e poética da autora da cidade de Goiás

Palavras-chave: Poética. Cora Coralina. Memória. História. Goiás.

ABSTRACT

The present investigation starts from the performance of the lyrical self in the texts (in the work) of Cora Coralina, pseudonym of ANA LINS DOS GUIMARÃES PEIXOTO BRETAS (1889-1985). The pseudonym was, prematurely (1907), one of his most expressive literary inventions, responsible directly and indirectly for the dissemination of his name as a writer. We will deepen in the analyzes of his prose and verse writings in the full sense of the text that will be preserved, in the level of memory and sensitivity, filtered in today's gaze from its production, to its particularities and its complexities in the field of poetry that enriches literature Brazilian. In order to do so, the poetic voice attributes new meanings of the paintings to the memory, the national history and the specificities of the Goian culture, as well as directing the reader to think and be disturbed by the chosen work. In this sense, the research proposes to carry out an interpretative study on the writings of his poetic texts from the identification of the theoretical presuppositions of DURAND (2001), PAZ (1982) and TELES (2003), resorting to the poetic forms transmitted by the voice (although written), the cultural environment, the artistic value of the lyric text, exploring the poetic features of the historical descriptions, human and natural beauties of the earth. Thus, the poetic load marked by a force from the heart of Brazil, which extols the Goian wilderness, the ancient capital of Goiás, with its stones, its alleys and stories, will be extolled and characterized as the critical and poetic fortune of the author of city of Goiás.

Keywords: Poetics. Cora Coralina. Memory. History. Goiás.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| I – POESIA E O POEMA | 16 |
| I.1. A vida e obra: Ingresso na Identidade Autoral | 22 |
| I.2. Poesia Modernista de Cora Coralina | 27 |
| | |
| II – EM POIÉTICA | 32 |
| II. 1 – Poética em Movimento: Algumas Considerações..... | 41 |
| | |
| III – A POÉTICA LÍRICA DE CORA CORALINA | 52 |
| III. 1 – Algumas considerações e análises textuais | 54 |
| III. 2 – “A vida Mera das Obscuras” de Cora Coralina..... | 63 |
| III. 3 – A vida que é passada na Literatura lírica como narrativa articulada: Influência da Reflexão | 65 |
| | |
| CONCLUSÃO | 71 |
| | |
| RESULTADOS PARCIAIS | 74 |
| | |
| ANEXOS | 75 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 81 |

INTRODUÇÃO

O estilo é o sol da escrita. Dá-lhe eterna palpação, eterna vida. Cada palavra é como que um tecido do organismo do período. No estilo há todas as gradações da luz, toda a escala dos sons. / O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor – gradua a luz, tonaliza, esbate e esfumina os longes da paisagem. (Cruz e Souza)

A fundamentação do nosso tema será baseada no vínculo de origem entre a expressividade lírica e a voz poética na própria experiência artística coralínea, permeará por todo nosso texto, uma pesquisa que se propõe a tentativa de aproximar os pensamentos (conotação feminina, liberdade na criação ou variabilidade temática), as franjas telúricas das palavras e o mergulho na expressividade da poesia de Cora Coralina¹.

A partir da construção escrita de seus textos poéticos e sob o viés do movimento constante de atração pelo espaço rememorado (BACHELARD, 1989), realizaremos um estudo interpretativo sobre a obra escrita e a memória afetiva e sucinta, de seus textos poéticos a partir da identificação dos pressupostos teóricos de PAZ (1982) e TELES (2003) resignificando as formas poéticas transmitidas pela voz (ainda que escritas), o ambiente cultural como uma vontade criadora, a filosofia para testemunhar a postura estética que o homem adota diante do mundo.

A mulher Cora, enCorajou-nos a abordar algumas possibilidades interpretativas de sua poética, como, por exemplo a conotação feminina de seus textos narrativos em forma de poesia,

¹**Cora Coralina**, pseudônimo de **Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas** (Cidade de Goiás, 20 de agosto de 1889— Goiânia, 10 de abril de 1985), foi poetisa e contista brasileira. Considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, ela teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965 (*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*), quando já tinha quase 76 anos de idade. De nossa parte, acreditamos que a produção de Cora Coralina se deu no seu entardecer poético, (Tema de nosso Livro. ISBN: 978-613-9-63532-0) fez um inventário da vida; embora algo mais como a delicadeza das coisas naturais, antecipando hipótese cronológica, seria algo com o seu complemento em forma artística, perguntaríamos, senão a expressão mais legítima – posse, usufruto*, gozo – E Baudelaire nos antecipa: “O poeta goza desse incomparável privilégio de poder, à sua vontade, ser ele mesmo o outro. ” Com a vantagem de reproduzir poeticamente seu texto lírico e cheio de harmonia e exuberância. A poetisa entrelaça nas palavras para se revelar e usa a forma de verso livre e prosa animada tão intensa de conotação própria e força feminina, vinda do Planalto Central. Na crônica de Drummond, fala de sua “consciência humanitária” e “forma antes artesanal do que acadêmica”, este autor amplia e estende o sentido temático, acentuando o conceito sobre a obra coralínea no sentido significante de suma importância deste acontecimento oportuno. Ocorre-nos a propósito, estabelecer a relação com tudo o que se refere a concordância originária entre o homem e o ser encontrados em seus poemas que constituem um belo mito literário em Goiás. *usufruto “compartilhar” lembramos que nesse contexto parte do desfrutar, em consequência dessa definição a pose ou fruição assegurada pelo autor.

que tanto nos instigou e provocou um verdadeiro estado de encantamento de sua obra. Principalmente no que se refere ao âmbito real de sua fortuna na expressividade lírica. Ao adentrar-nos na vida acadêmica, desde o primeiro dia de aula, já havia traçado nosso futuro com o mito Cora.

Acrescentaríamos que a razão dessa busca traduz o encontro, talvez o próprio destino, por desejo de sermos compreendidas, logo no início da nossa trajetória acadêmica, houve pedras pelo caminho, assim como arguta Cora por exemplo (identificação), no sentido de obstáculo, por quem não compreendia nossa escolha: Não é difícil surpreender na cena a lição coralínea, das experiências, das forças ativas doadoras de sentido e criadoras, na luta pela vida e pela sobrevivência.

É amplamente registrado o trajeto árduo na construção de uma poética própria. Como já dito, trata-se de uma experiência que por si mesma se projeta na desconstrução a fim de dar luz, numa tal clareza de interpretação. M. Merleau-Ponty dizia: “O ser é o que exige de nós criação para que dele tenhamos experiência.”²

Trabalhar com o texto de Cora Coralina significou refazer o nosso pequeno baú de memórias que vislumbrava desde tempos remotos, sempre traçamos nosso próprio destino, que, compreendemos ser essencial na arte e na vida. Existe, pois um pertencer recíproco, em repousar-se em si mesma, daí trouxemos do passado a prioridade de escrever sobre Cora Coralina na pesquisa acadêmica *stricto sensu* de mestrado em Letras (PUC-GO), o nosso desejo tornou-se realidade em pesquisar a obra de grande riqueza goiana, “*Mais importante que o governador*” Assegurou Drummond.

Desde os bancos da graduação temos como princípio, seguir com Cora. Até que em uma madrugada insone, brotou-nos ideias e imediatamente a partir desse gesto, colocar-nos de pé, assumindo fragmentos, essencialmente comprometida com a questão ontológica, a tese central desse ensaio é a de que a obra não se trata de repetir o óbvio, mas sim cavar singularidades na proposta inicial. Munida com uma caneta, papel branco e como registramos anteriormente, produzir. Resultou a produção da nossa singela introdução e título dessa pesquisa, ganhando contorno para a realização, e daí por diante foi-se consolidando em palavras...

Assim, quando realizamos a leitura do primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás e*

² M. Merleau-Ponty, 1999 ed. Cit., p 251

Estórias mais, numa tarde, seguida das demais obras. Compreendemos que precisava cavar aquelas obras, abordando a grandiosidade do discurso lírico, o que não se pode explicar a capacidade de penetrar nos recônditos da escrita, por outro lado, aprofundar-nos com força do saber e propriedade feminina no universo cósmico de Cora.

Nesse sentido, pretendendo percorrer livremente pela poética, memória e, identidade e especificidade: vivemos a sua experiência, caminhamos no seu horizonte de sentido. Em tempo de discernir pontos de contato entre seus discursos e outros temas de versos livres coralíneos e trazer a luz coisas que já haviam sido ditas sobre Cora Coralina, mas que de certo modo permaneciam inacabadas, esperando por uma continuidade. Ocorre-nos, assim registrar a sua essência com relação a existência e resistência do sujeito lírico, na tentativa de se pensar o velho problema do ser com requintes de formulações na filosofia e arte, particularmente a poesia.

O possível paradoxo de correr riscos, decidimos abordar o que era entendido no sentido de valores, memória, para assim, identificar por trás das entrelinhas e reticências, ou dito de outro modo, a chave para a compreensão do raciocínio coralíneo. Daí, adotar o caminho das reticências, tentando talvez emular o modo como Cora Coralina soube usá-los em sua escritura. Cora preservou em seus escritos, deixando o leitor a mercê da própria meditação e descoberta.

Enclausurada nas paredes centenárias em seu silencioso recolhimento à Casa Velha da Ponte, Cora entregou-se à poesia, acolhida pela lembrança e cercada pelas ruas de pedras e o rio vermelho que corria mansamente, como sangue em suas veias. A autora encarnou esse tema poético com simplicidade e humana humildade em sua passagem pelo planeta.

Delineia-se, então, o segundo momento, que decorre do primeiro, expressar a afinidade da autora dos textos escolhidos explorando os traços poetizados das descrições históricas, memória, humana e belezas naturais da terra, bem como o valor artístico dos textos líricos. Assim, pensamos demarcar a própria experiência artística, ao escolher os poemas que tecem o próprio mundo, e tentar engendrar as relações previsíveis entre o homem o ser e o tempo. O mistério do mundo e a trama que tece o tapete de suas raízes, desenvolvendo o círculo de reflexão. Neste sentido abordaremos as temáticas de nossos capítulos, não nos prendendo a limites nítidos: voltaremos sempre que necessário as ideias já exploradas.

No primeiro capítulo, focalizaremos poema e poesia, traçando uma linha tênue entre ambos. O acordo entre a poesia e o pensamento é, certamente, o que faz a nobreza da nossa

natureza humana. É nesse sentido que uma reflexão sobre a obra coralínea e o ingresso na vida autoral desde o ensaio aos dezesseis anos, quando criou com Leodegária de Jesus³ e outras senhoritas da cidade de Goiás o jornal *A Rosa* (1907), momento de criação de Ana Lins; o seu pseudônimo Cora Coralina. Sem sequer pressentir, Goiás (lugar de produção) indicou o caminho.

A crer nas suas memórias (e a maioria de seus textos são autobiográficos), ela voltou sem a aprendizagem maior da prática da escrita. Havia um lapso muito grande de tempo entre o que ela lia, pensava e escrevia na adolescência e o que procurava fazer agora, numa continuidade impossível. Teve assim que partir de um “novo princípio” de criação, que ela pensava ser novo. Foi então que começou a produzir longos poemas em prosa que ela mesma vacilou em chamar de poema, preferindo uma série forçada de sinônimos, como se verá adiante. E foi o que fez. E deu certo, atingiu o gosto do público, passando assim (apressadamente) a ser tida como “inovadora”, transformando a carência estética em criação popular. (TELES, *Jornal Opção* 2018. p.23)

A reflexão sobre a linguagem poética de Cora Coralina será sugerida no segundo capítulo, mas sem perder a autonomia e o caráter crítico do discurso da poética como ciência da literatura. Mas não se trata de coisas separadas, somente entrelaçadas, dirá Teles, em outros textos:

Não participo da opinião dos que ainda negam o estatuto de ciência aos estudos da literatura e aceito para esta ciência o nome de poética, proposto por Jakobson e que tem a sua tradição na Arte poética de Aristóteles, assim denominada devido às suas palavras iniciais⁴ (TELES, 1996 p. 31).

Nesse proceder de reflexão, retomaremos, no terceiro capítulo, o tema da poética em movimento estabelecendo a pluralidade de formas da própria arte, a estética, no decorrer do tempo. A partir daí, abordaremos os desdobramentos teóricos que sustentam as formas do discurso e que nos apontam um horizonte no quadro contemporâneo de uma cultura de massa. Veremos nesse caminho, o fazer-se presença de Cora em seus escritos, na posição criadora da autora.

³Leodegária de Jesus primeira mulher a publicar livro de poemas em Goiás (*Coroa de lírios*, 1906 e *Orchídeas*, 1928). Ambas nascidas em 1889, no mesmo mês de agosto (Leodegária no dia oito, Cora no dia vinte), grandes amigas de adolescência, confidentes pela vida afora (Leodegária era praticamente a única jovem a frequentar, com assiduidade, a casa de Cora na cidade de Goiás); ambas destacadas ativistas literárias, realizaram, no entanto, uma poesia verdadeiramente antípoda. Além de participar do Clube Literário Goiano que chegou a ser presidido por Leodegária (conforme se lê em “Velho sobrado”, da própria Cora), agremiação que era palco das “Tertúlias literárias” da época, as duas também, ainda adolescentes, integraram a equipe de quatro jovens encarregadas de dirigir o jornal literário *A Rosa*, destacando-se a atuação das duas amigas. Fundado em 1907, esse jornal funcionou, à época, como verdadeiro veículo das ideias do movimento literário da cidade de Goiás, segundo Gilberto Mendonça Teles em sua obra de referência, *A poesia em Goiás*. (DENÓFRIO, 2004, p.13)

⁴Que se veja no texto de Teles, *A poética como Ciência da Literatura*. É explorado para explicitar o sentido da poética entendida como uma ciência da literatura, dando ênfase na escrita de Jakobson e Aristóteles.

Nesse contexto reflexivo, no terceiro e último capítulo, fecharemos o círculo neste texto, sugerindo a arte em sua verdade e fidelidade como experiência artística no mundo de Cora Coralina, focalizaremos a obra a partir da seguinte premissa: relação arte-ciência que já foi focada anteriormente, o poema que se aproxima dos segredos da natureza que procura surpreender a beleza por vias de relações mais espontâneas da vida.

Ao começar a síntese final acompanharemos os desdobramentos no mesmo capítulo, o movimento do discurso de teor poético e tentaremos aprofundar a trajetória dos versos, do conhecimento, da expressão, da memória e da história, mas o caminho é a própria escrita que o elege, caberia ao crítico distinguir os traços poéticos de quem, meditando sobre a vida e seus dilemas, refletir e absolver a fonte do ser, a alma dos rios, das pedras, do amor, da vida e da morte. Essas questões podem ser percebidas em todo o conjunto da obra de Cora Coralina, como nesse vigoroso trecho:

O poeta e a poesia
Poeta é a sensibilidade acima do vulgar.
Poeta é operário, o artifice da palavra.
E com ela compõe a ouriversaria de um verso.
(CORALINA, 1997, p.191)

Serão definidos clara e didaticamente, a partir de tudo o que já foi dito, o que são poesia e poema, para tanto, é necessário que se pense na crítica criativa, na interpretação semântica e estética da própria palavra, entendemos que o texto é livre. Evidenciaremos no universo visível, as preferências do gosto, a realização da obra em sua verdade que encontram-se com clareza na obra, acrescentaríamos a capacidade de penetrar a alma de verso livre da escrita coralínea; apenas como afinidades que mais interessam aos nossos propósitos que abordam a relação originária entre o homem e o ser.

I- POEMA E POESIA

*A poesia passa a ser vista como um estado estético presente em todas as artes.
(Gilberto Mendonça Teles, 1996)*

Seguindo o exemplo da riqueza estética que a poesia pode nos oferecer, utilizaremos aqui de diversas e variadas formas de interpretação do objeto estético. Para isso, passamos a nos valer de certos aparatos e valores que nos conduzam à reflexão. Um dos pontos de partida são as reflexões de Octávio Paz acerca do conceito de poema e poesia, bem como dos conhecimentos transmitidos por aulas presenciais com o poeta e crítico literário, Professor Dr. Gilberto Mendonça Teles, cujo conteúdo embasou essa pesquisa.

Entretanto, no decorrer do Mestrado em Letras, entendemos que quanto mais compilação interior e acolhimento à sensibilidade em relação ao exercício da leitura e as formas múltiplas de flertar com a informalidade e, portanto abordarmos a amplitude do saber coralíneo*, sua rima interna e a clareza que ela sabia jogar com os ritmos, embora declarava que não sentia-se presa a rimas e métricas, sabemos nesse proceder, o leitor investigando nas entrelinhas poéticas de sua disposição livre aos versos. Caberá aqui, acreditarmos que o primeiro passo será uma investigação do fato artístico, desde a criação, a recepção e a apreciação num mundo criado pelos poetas e encantamentos habitados por eles. Apoiados nesse pressuposto, pensamos ser pertinente definir os tópicos abaixo relacionados à poesia e ao poema, segundo a definição do Professor Dr. Gilberto Mendonça Teles na primeira orientação desta pesquisa:

POESIA é a capacidade de perceber o belo através de sensações dos vários tipos de imagens: visuais, auditivas, etc. E o POEMA é a forma de expressar essas sensações. Assim, só se percebe a poesia por intermédio da palavra, ou seja, do poema. Mas isto não quer dizer que todo poema tenha poesia. É também ignorância achar que uma flor, um luar, etc. sejam poesia. A sensação que se percebe deve ser chamada de Estética, de poética, mas não de Poesia. (TELES, 1996, p.20)

A diferenciação proposta por Gilberto Mendonça Teles, de origem hegeliana, entre poesia e o poema é a produção de subjetividade conduzida como experiência específica da arte, seu estatuto ontológico seria então o domínio da estética, o problema da verdade ligada aos dilemas de nossa época estaria sempre relacionada ao poder de relacionar a condição do poema dentro do espectro do dilema estética que a poesia nos apresenta como questão fundamental, a leitura ou interpretação que nasce do poema, se torna conhecimento quando a arte deixa de

fazer parte da experiência desinteressada para se tornar um problema fundamental, tornando-se, desse modo, conhecimento, salvação, poder e potência criativa. A proposta do pensamento de Octávio Paz pode ser definida de maneira muito aproximada do pensamento de Gilberto Mendonça Teles, segundo o poeta e crítico mexicano a tarefa da poesia seria exposta como uma potência criativa essencial no pensamento sobre a arte. Tratar-se-ia de uma:

[...] Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito, isola; une. Convite à viagem de regresso à terra natal. Inspiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, pura e impura, sagrada e profana, nua e vestida. Como não reconhecer em cada uma dessas fórmulas o poeta que as justifica? (PAZ, 1982, p.16)

A poesia justificaria sua singularidade e essência através da ideia que permita colocar em questão o sentido mesmo do poema. A forma como Octávio Paz analisa os processos intrínsecos ao dinamismo da poesia, sua ambientação, coexistindo harmonicamente no seio mesmo da criação, traz à tona a tentativa de compreensão da obra de arte e o modo de abri-la, de torná-la imprescindível. Como sugere o crítico mexicano é o panorama de noções para o vasto entendimento do que é a poesia, um raio X dos seus movimentos que torna a poesia a ambiguidade fundamental da prática poética. No diálogo com a ausência, com o vazio, não estaria relacionada a busca de um absoluto, mas antes, através da magia por trás dos signos, as formas privadas do sentido que as poesias põem em destaque.

Em contrapartida, o poema, o lado físico da poesia, seria o esqueleto, o elemento que o leitor vê no papel como algo diferente do que nele pode se entender como simples objeto de transmissão de conhecimento. Dito de outro modo, essa relação seria uma espécie de revelação de uma realidade interior que atravessa abstratamente a realidade perceptível através dos sentidos, invoca, provoca e evoca a existência do tempo histórico.

Assim, o tema de abertura dessa pesquisa nos possibilita o acordo entre a poesia e o pensamento que, certamente se faz pela nobreza da natureza humana nesse cotidiano dilacerado, porém povoado de esperança. Nesse ponto, reconhecemos que Cora Coralina, poetisa, senhora da força da palavra. Como veremos mais tarde, a poesia de Cora Coralina é uma lição de vida, não se sabe se é fruto de pura fluidez ou em um rasgo de lucidez, ou seja, poesia colocada em prática.

Como se sabe, Gilberto Mendonça Teles faz uma abordagem a partir da palavra na esfera do conhecimento: “[...] em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com ideias e sentimentos”. É importante registrar, alguns conceitos, por paradoxal que a palavra possa se apresentar, através de seu desenvolvimento, as reflexões como é divulgado em

Mallarmé⁵, *as palavras iluminam-se de reflexos recíprocos* daí a criação é significativa entre o eu e o ser. Dissemos na esteira de Mallarmé, sobretudo à ideia de “palavra” que estaria determinando uma concepção em que o autor está na raiz da vontade e comanda seu próprio desejo de afirmação. Complementando com os demais escritores mencionados ficará mais claro no nosso ponto de vista o acréscimo de Alfredo Bosi (1977 p.20) nesse movimento circular entre o ver-sentir, ver-pensar; nos assevera: “A superfície da palavra é uma cadeia sonora. A matéria verbal se enlaça com a matéria significada por meio de uma série de articulações fônicas que compõem um código novo, a linguagem”. E Octavio Paz (1987 p.85) arremata nos seguintes termos: “os objetos estão além das palavras”.

Assim, para que o discurso não perca a sua autonomia e vença os impasses, não apenas o simples produzir, mas o caminho da escrita que o elege, conseqüentemente, seu saber humano existencial, se pensarmos a expressão poética como irredutível à palavra. Nessa dimensão se dará o verdadeiro sentido da poesia que está na palavra, criando um universo de composição harmônica, um tapete de cores e arremates ao tempo e ser tecido pelas mãos do artesão. Das lições de Alfredo Bosi sobre a questão da ciência e da arte poética, retivemos o ponto importante, de uma lado nos remete ao poder da palavra, e de outro nos sugere o desvelamento da palavra:

Quem dá nome aos seres?

Ao primeiro homem, conta o Livro de Gênesis, foi dado o poder de nomear: “Deus formou, pois da terra toda sorte de animais campestres e de aves do céu e os conduziu ao homem, para ver como ele os chamaria, e para que tal fosse o nome de todo animal vivo qual o homem o chamasse. E o homem deu nome a todos os seres vivos, a todas as aves do céu, a todos os animais campestres (Gen, 2, 19-20)

O Poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la. Esse poder é o fundamento da linguagem, e, por extensão, o fundamento da poesia. [...] No entanto, sabemos todos, a poesia já não coincide com o rito e as palavras sagradas que abriam o mundo ao homem e o homem a si mesmo.” (BOSI, 1977, p.141)

O homem encontrará abrigo na palavra, mesmo porque o próprio mundo foi concebido pela trajetória do ser na linguagem fundamentado na poesia da criação. Buscamos em Aristóteles, motivados pela lucidez da essência da literatura que surge da sua arte poética, que dá início ao aprofundamento da historicidade poética. A visão de mundo que os gregos clássicos tinham da prática poética uma relação à vida era bastante diferente da fruição estética

⁵fonte sobre Mallarmé: https://www.google.com.br/search?q=pagina+%E2%80%9Cas+palavras+iluminam-se+de+reflexos+rec%C3%ADprocos%E2%80%9D+da%C3%AD+a+cria%C3%A7%C3%A3o+%C3%A9+significativa+entre+o+eu+mallarmé&rlz=1C1GCEA_enBR744BR744&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwja6oeO99HdAhVGkZAKHU4IBngQsAR6BAgEAE&biw=1366&bih=657

desinteressada que passou a afetar o efeito estético e a recepção da obra de arte a partir de Emmanuel Kant. Longe de ser uma tarefa desinteressada, para Aristóteles, a arte se aproximava da unicidade da vida mundana com o mundo suprasensível:

Não raro, a uma introdução solene, prenhe de promessas grandiosas, cosem um ou dois retalhos de púrpura, que brilham de longe, quando se descreve um bosque sagrado e um altar de Diana, os meandros duma fonte a correr apressada por amena campina, o Reno ou o arco-iris; mas esses quadros não tinham lugar ali. Você talvez pinte muito bem um cipreste, mas que importa isso, se está nadando, sem esperanças, entre os destroços dum naufragio, o fregues que pagou para ser pintado? Começou-se a fabricar na ânfora; por que, ao girar o torno do oleiro, vai saindo um pote? Em suma, o que quer que se faça seja, pelo menos, simples, uno. (ARISTÓTELES, 1977 p. 55)

Os gregos entendiam o poder da arte sobre o espírito como recomposição da unicidade do ser dos entes perdidos pela experiência cotidiana. Nesse sentido, o breve aceno que fizemos para as teorias de Alfredo Bosi e de Aristóteles,⁶ que homenageiam, por assim dizer, os objetos misteriosos, manifestos pelos sentidos em detrimento de sua relação com as coisas em si. Por esses caminhos nos lembramos o olhar daqueles que buscam a verdade. Acreditamos que a prática poética de Cora coralina não menosprezaria o corolário do efeito e dos poderes do olhar sensível nas relações humanas.

A coesão artística que aproxima a imagem visual associada à imagem estética desde Aristóteles estaria relacionada com o poder de revelação do universo mágico. A obra de Cora Coralina é marcada por livros de contos, poesias e estórias infantis, em tais obras ela mistura todos os temas em torno de seu próprio fazer poético, seus poemas remetem a infância através de um eu-lírico próprio à esfera social de sua época, não há causalidade ou exatidão, mas uma relação estética, onde delinea-se e decifra o invisível, compondo e imaginando livremente.

Como se sabe, são extremamente significativas as páginas de Gilberto de Mendonça

⁶Aristóteles, Horácio, Longino 213 – 273, III. Texto de interpretação de Brandão, Roberto de oliveira, 1934 – IV, Bruna, Jaime, 1910 – V Título. (Presidente-assistente doutor de Latim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo): *A Poética Clássica*. Observe-se que, embora importe a verossimilhança é apenas um dos componentes da poesia, importante porque, ao situá-la na esfera do possível, aproxima-a da filosofia (o que não admitia Platão) sem afastá-la da experiência comum de todo ser humano (no capítulo IV da *Poética* ele dirá que o “imitar é natural do homem”) (Poét. IX). Nesta obra, o autor enfoca poesia como núcleo da poética e seus ornamentos, passando pela fluidez do real artístico em relação da literatura com a realidade. A propósito, registrar o texto: “É claro, pelo atrás ficou dito, que a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas que podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade. Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro do que sem ele; a diferença está em que um narra, acontecimentos e o outro, fatos dos quais podiam acontecer. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela enuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares.” (Poét., IX) tão necessário quanto suficiente nesse alvorecer de nosso texto da *Poética* de Aristóteles (*A Poética Clássica*, 1. *A poética de Aristóteles: Da Reflexão a Lei*, São Paulo: Cultrix 1997 p.3)

Telles que elabora uma abordagem específica para trazer o conhecimento retórico à luz da reflexão poética. O crítico goiano cria uma ótica que dedica à mão de obra operária do artista capaz de possibilitar as multiplicidades do mundo literário no caminho do universo do mundo da escrita, retratos de uma época na arte de escriturar livro num amplo relato de análises e obras de grandes autores brasileiros e outros estrangeiros.

Por isso, na esteira de Telles, analisaremos a escrita coralínea, pela primeira vez, com pontos de contato delicados e sutis, na medida que possibilita o desafio claro-escuro da verdade; como sugere a teoria desafiadora em seu livro *Escrituração da Escrita*. Para retomar o que dizíamos, acreditamos que a poesia seja uma forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas. Tal pensamento, a exemplo do que ocorre com a abordagem da poesia, entendemos que passa a ser vista como um estado estético presente em todas as artes. Tem se manifestado sob a possibilidade que o discurso poético funcione de maneira muito parecida com a do discurso da prosa de ficção, costuma-se dizer que às vezes são analisadas por métodos idênticos.

Entende-se que a prosa é a forma de expressão ritmicamente diferente da forma poética. Embora a prosa também tenha ritmo, o ritmo aqui é, porém, menos rigoroso que na poesia. Ambos são próximos, mas não idênticos. Daí a criação artística coralínea com timbres de paixão, sensibilidade e com imagens que a poeta rapsoda inunda nossa imaginação e nos toca os sentidos, tanto em prosa de ficção quanto na forma da poesia, portanto, a poesia estaria presente no discurso de sua obra de maneira indelével. Como nos lembra o poeta Jorge de Lima:

Há poetas que fazem da poesia um acontecimento lógico, um exercício escolar, uma atividade dialética. Para mim, a Poesia será sempre uma revelação de Deus, dom, gratuidade, transcendência, vocação. Longe de mim o egoísmo de dizer que sou poeta porque nasci poeta. (LIMA, 2008 p.36)

O poema que contém conteúdo forte faz parte do jogo primitivo do homem com as suas raízes, e é conclamada na obra de autores como Cora Coralina. No entanto, seria importante revisitarmos a arte hermenêutica em conformidade com o que Octávio Paz esclarece:

O poema é uma criação original e única, mas também é leitura e recitação – participação o poeta o cria; o povo, ao recitá-lo, recria-o. Poeta e leitor são dois momentos de uma mesma realidade. Alternando-se de uma maneira que não é inexato chamar de cíclica; sua rotação engendra a chispa – a poesia. (PAZ, 1982, p.47)

A realidade da arte, segundo Octavio Paz, teria que lidar com a arte que rume para além de si mesma, para que a arte não se torne passado. Fechando o ciclo, o poeta está cumprindo o círculo que delimita um destino metafísico. Poetas e leitores penetram na aurora

de uma origem na qual não apenas a arte, a poesia, mas principalmente, o seu próprio destino, o próprio destino do homem posto em questão. O poeta mexicano continua: “a poesia vive nas camadas mais profundas do ser”, ao passo que as ideologias e tudo o que chamamos de ideias e opiniões constituem os estratos mais superficiais da consciência, enquanto o poema se nutre da linguagem viva [...] Assim estaremos referenciando o escritor e sua obra “A linguagem” conteúdo das primeiras páginas de seu livro.

O sujeito lírico enraizado vai projetando na escrita e identificando-se com ele, difundido e solucionado nele. A força de sua alma e sua intimidade com a magia das palavras não se esgota numa simples e breve leitura, é preciso que gerações e gerações de críticos com metodologias diferentes cavem o seu poema, a partir daí podem descobrir coisas que talvez não tenha sentido, mas sentidos. Se tiver uma fagulha de sentidos, trará luz ao poema em transformação ou o *topos* do ser.

II- Vida e obra: Ingresso na Identidade Autoral

Assim é Cora Coralina repito: mulher extraordinária, diamante goiano, cintilando na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro Poema dos becos de Goiás e estórias mais (...) Se há livros comovedores, este é um deles⁷.

O discurso poético em Cora Coralina, como pretendemos tornar evidente a partir da análise de algumas de suas obras, conseguem combinar leveza, reflexão e sentimento que são atemporais – “Venho do século passado e trago comigo todas as idades.” (Cora Coralina, entrevista: “Vox Populi” TV Cultura, 1983). O que está em jogo na análise do percurso do verso à prosa é a linguagem da obra como realização de um cosmos literário em que, não raro, se torna difícil separar muitos de seus versos autobiográficos de versos e liberdade espiritual na criação artística. No início desse texto, retrataremos o contexto histórico da produção literária e vida de Cora Coralina, celebrada em suas singularidades, no contexto de reflexão a partir da seguinte premissa: seria possível, na condição de uma crítica histórica, situar-se na gênese do processo do instigante processo criativo e teórico sobre a arte que o leitor é conduzido a refletir nas páginas da autora goiana, e ainda mais uma questão que nos propomos a tratar, qual seria a participação do pensamento poético da autora, tendo em mente sua retórica ostensiva de auto-depreciação e auto-escuta capaz de trazer luz aos dilemas da arte e da vida no mundo contemporâneo.

Nesse proceder, exploraremos algumas das práticas analíticas da obra de arte sem nos preocuparmos com a subordinação de uma determinada abordagem teórico-crítica sobre outras abordagens. Entenderemos melhor uma possível origem da obra aproximando-nos não exatamente em relação à vida da autora, mas antes, seu universo conceitual, histórico e ideológico. Partindo desse caminho tentaremos oferecer uma reflexão com relação à forma pela qual a poetisa se ingressa no âmbito literário no jogo do mundo e das palavras. Há, na figura de Cora Coralina, algo de icônico, sua figura ultrapassa em vários momentos a própria figura de poetisa, para ilustrarmos, ainda que parcialmente esse ponto de vista, citamos a coletânea do Déjà-vu da poetisa, celebrando sua relação quase sempre intrinsecamente memorialística a partir de seu eu-lírico infantil e culminando com a memória de sua região. Em ordem cronológica estão as seguintes obras:

⁷ (Carlos Drummond de Andrade, 1980)

Cora Coragem Cora Poesia
 Doceira e Poeta
 Estórias da Casa Velha da Ponte
 Melhores Poemas de Cora Coralina
 Meu Livro de Cordel
 O Tesouro da Casa Velha
 Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais
 Vila Boa de Goyaz
 Vintém de Cobre

Infantis:

A Menina, o Cofrinho e a Vovó
 A moeda de Ouro Que um Pato Engoliu
 As Cocadas
 O Prato Azul-Pombinho
 Os Meninos Verdes
 Poema do Milho
 Contas de dividir e trinta e seis bolos
 De medos e assombrações
 Lembranças de Aninha.

Os dados biográficos também são detalhados e bem registrados. Como se sabe Cora Coralina apenas se tornou conhecida na fase final da vida. A maior parte de sua vida se deu fora do estado de Goiás. É interessante ressaltar que, a escritora saiu da Cidade de Goiás (“Goiás Velho”), antiga capital do Estado, em 1910, com idade de 21 anos, fugindo em cima de um cavalo, grávida, na garupa de um homem casado e vindo de fora, o casal se estabeleceu no interior do estado de São Paulo. Conforme escreveu Gilberto Mendonça Teles em artigo para *Jornal Opção* no *ano de 2018*:

Cantídio Tolentino Bretas Figueiredo com quem viveu de 1910 a 1934, ano de sua morte: sua mãe foi contra o namoro, por que ele era desquitado, tinha filhos, inclusive com outra mulher, uma índia. [Nos seus escritos no final da vida, Cora vai dizer que saiu casada]. E embrenharam-se no adito das estradas empoeiradas, deixando sua cidade para traz, onde foi desaprender Goiás em São Paulo. Foram viver no interior de São Paulo (em Andradina e Jaboticabal), tanto que o que escreveu por lá não foi divulgado. Quarenta e cinco anos depois (em 1956), retornou sozinha a Goiás, já nos seus quase setenta anos e sem livro publicado. (TELES, *Jornal Opção*, 2018)

Foi com base no que estamos dizendo, para melhor explicitar, (re)afirmamos que a obra coralínea ganhou vida no lugar do acontecimento, ou seja, na Cidade de Goiás após os setenta anos de idade e fundamenta-se no seu retorno. Há uma curiosa dialética na produção poética de Cora Coralina, que se assemelha à tendência, em seus poemas e contos, de enriquecer a personalidade poética do eu-lírico alienando-as da comunhão com as outras, especialmente a própria poetisa sexagenária, essa ambivalência parece resultar na principal força criativa da autora, anulando-se ao mesmo tempo em que nos conduz à força libertadora e exuberante de sua linguagem poética.

Como temos insistido em nossa reflexão, a chave referencial da poetisa goiana descortina ao homem o mistério do mundo e esclarece em seus poemas o jogo da vida para a obra realizada. A poetisa se deixa levar pelo jogo. Ela é a própria poesia. Tal ambivalência entre obra e vida nos chama atenção para os problemas que emergem tanto da temática de suas obras como dos dilemas que permearam sua vida. O sofrimento como autodescoberta torna sua sabedoria muito dura na forma como pode ser apreendida, ou ainda, pela adequação entre a esfera de um sujeito, a Goiás Velha e suas ruelas repletas de histórias e a esfera de um objeto perdido, onde a rudeza do mundo que a cerca reaparece quando cessa a infelicidade. Trata-se de um jogo ambíguo que a autora passou a gestar na fase final da vida. Foi a memória, por mais incompleta, que lhe permitiu distanciamento representacional de si mesma como um outro, abrindo caminho, portanto, para a verdade da poesia em detrimento da vida. Assim se explica a concepção coralínea, esta é qualquer coisa de real, de eterno, de afetivo, que se eleva além da terra, mas elegendo a arte em lugar da vida, promovendo com lúgubre ironia a união de sua vida como um auto-exílio com a relação que explica o caminho positivo de retorno ao passado para reintegrar essa significação no presente. Pensar a arte que transcende a vida significa pensar poeticamente, e Cora Coralina, ao fim da vida, parece buscar a arte pela via da memória como forma de expurgar o sofrimento, a solidão e a dor.

Os motivos para a recriação poética de si mesmo como um outro é parte essencial do fazer poético de Cora Coralina, a criação de si mesma é fruto do passado, não do presente, recomeçando seu tempo próprio a autora se afasta, por assim dizer, de seu próprio tempo e cria as suas raízes ancoradas na presença do ser, atemporal, assim se entende no ponto de vista do belo que produz a arte, a obra é representada como aquilo que poeticamente habita o mundo; como um ente que se projeta no tempo. Outro ponto de contato com a tardia introdução de Cora no mundo da literatura e de seus planos literários seriam a força poética com que dirige seus sentimentos do passado presente cujas dimensões estão para o pertencer da verdade que acontece na obra. A propósito, escreve Martin Heidegger (2012, p.332): “A essência da verdade se desvelou como liberdade.”⁸

Nessa perspectiva, salta aos olhos os detalhes típicos do fazer literário como expressividade lírica de um tempo social e individual que se perdeu no passado, a literatura, a arte de tecer se efetiva em seus textos entre a palavra como tecido presentificado e a realidade

⁸A ideia de uma liberdade coloca previamente o comportamento em harmonia com o ente e sua totalidade, Heidegger 2012, *A essência da Liberdade Humana*.

de um tempo que passou. Por outro lado, inserir a forma na finitude do homem, na sua história, é o que condiciona a forma da verdade e o que é fruto do poeta fingidor, denotando a circularidade entre o ver-sentir e o ver-pensar que caracteriza o esforço consequente da crítica de arte para elucidá-lo.

Parte-se, nos textos de Cora Coralina, de um longo processo anterior à escrita, criar e recriar a partir dos textos escritos que se cruzam na poesia representam o estágio tardio da criação da autora goiana. O elemento fulcral que permanece gestando ao longo de sua vida tem menos a ver com a escrita em si do que com a recuperação através da memória poética de uma reprodução da linguagem bruta do interior goiano, encontrando nessa fusão o melhor de sua expressão artística. Um exemplo seria esse trecho curto, porém vigoroso:

Combatendo a mim própria,
procuro conjugar estranha sensação
de ser e de não ser...
Afro, lusitano e bugre
- sou a herança hesitante de nós três.
(CORALINA, 1965, p.106)

Surge dessa forma em Cora Coralina um tropo ou metáfora íntima que não se torna expressa, pois toda ênfase recai sobre o poema a partir de uma parte de sua esfera íntima _ não é apenas a herança étnica que faz com que o eu-lírico hesite, mas, sobretudo, o perspectivismo como força poética, um insinuar um além, uma outra maneira de colocar o “eu” e as contingências da vida e do mundo que a cerca, colocando ao lado das outras experiências a experiência de “ser” como multiplicidade, ao lado da vontade, da razão, do espírito, dos sentimentos que perfazem a vida. A poesia pode se efetivar como uma abertura ontológica para problemas humanos, um poema é como um aceno ou uma piscadela e Cora Coralina nos acena o tempo todo para a reflexão sobre a existência. Nesse sentido, Ramón Pesquero (2003, p.44) sugeriu:

A poetisa emprega os tropos de caminho – caminheira, caminhando sempre, pés pequenos, chinelinhos furados, maratona – para figurar a labuta pessoal em prol da fidelidade à sua auto-afirmação. Carlos Drummond de Andrade expõe sua excepcional percepção humano-poética ao descrever Cora: “uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada”. (CORALINA, 1985, p.14)

O artista como um andarilho é um *tropos* bastante recorrente na história da literatura, e há o elemento trágico, que não significa o mesmo que pessimismo nas obras de Cora Coralina, a auto-afirmação pode ser um tema trágico se for devidamente relacionado ao aspecto

dionisíaco do desvelamento da verdade da vida pela arte. Após uma admirável série de identificações, onde o eu-lírico se mescla elementos mais singelos da existência nos confins de Goiás, das pessoas humildes que habitam esse local, o que sobressai é o elemento trágico dionisíaco dessa experiência que finda sob a ótica da essência da arte, gerando vida no meio de lutas, nesse sentido, é a própria vida que se transfigura: “Despojada, Apedrejada./ Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida./ Eu fui caminhando, caminhando.../E nas pedras rudes do meu berço/Gravei poemas” (DENÓFRIO, 2004, p.242).

Pelo que já foi exposto, percebe-se a força do conteúdo humano nos poemas de Cora Coralina, percebe-se também a prevalência do alcance metafórico-existencial do tema poético. Tome-se como exemplo o seguinte trecho no seu Cântico Primeiro de Aninha: “A longa noite escura.../ A caminhada.../ Careando pedras. /construindo com as mãos sangrando/minha vida.[...] A candeia está apagada/e na noite gélida eu me vesti de cinzas”.(CORALINA, 1985, p.37-38). Trata-se de uma caminhada incerta, mas o espírito trágico é também dionisíaco, diante dessa visão noturna e nebulosa, a poetisa concede ao seu poema e a si mesmo uma majestosa reconciliação com o fim trágico representado pelo tropo das “cinzas” como fechamento de um percurso.

A carreira de Cora Coralina como poetisa começou tardiamente, como já dito, mas seu fazer poético se manifestou precocemente nas letras goianas. No escasso cenário literário, a força jovem se fez notar na entrada inaugural da poetisa na Literatura de Goiás. A consequência significativa para a poetisa caminheira em solo goiano demoraria, no entanto, a se concretizar. Mas de todo modo, a carreira literária seria questão de tempo:

Com a riqueza poética ímpar, a poetisa consegue desvendar o segredo de um eterno presente, que nasce e funde seus genitores eternos e, como tais, infinitos: princípio e o fim duma vida dedicada à empreitada única de abrir e percorrer o caminho de sua cativante individualidade. (PESQUERO, 2003, p. 45)

Cora nos permite essa reflexão pelo frescor de sua narrativa escrita que aborda desde a leitura mais apurada, até a identidade do sujeito lírico com particular sensibilidade poética, à reflexão cuja missão é, desde os atos mais rotineiros, até o gosto pelo literário que se expande em sua obra, uma vez que torna possível mergulhar na complexidade da estética e na semântica que são colhidos nos versos da poetisa goiana.

1.2- Cora Coralina e a poesia da modernidade

O homem, dizem os modernos, é temporalidade. Mas essa temporalidade quer se apaziguar, saciar-se, contemplar-se si mesma, jorra para se satisfazer. O homem se imagina e, ao se imaginar, revela-se. O que nos revela a poesia? (PAZ. 1990)

Delinea-se agora, uma reflexão acerca da configuração da identidade cultural de uma determinada época, no modo mais concreto sugerindo particularmente a experiência artística modernista de vários escritores, seria oportuno tomar-se como exemplo: Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, “*movimentos experimentalistas[...]reedição de processos vanguardistas europeus*”.(TELES, 1979, p.141)

Surge dessa forma, em Cora Coralina, a figura que foge à confusão das diversas tendências artísticas da arte moderna, a literalidade da poetisa goiana busca seu próprio caminho numa época em que pesem as diferentes soluções que as diversas tendências apresentavam entre os limites do gênio e da loucura. Considerada entre os anos 22-45. Merquior nos afiança: “*Há no modernismo uma literatura telúrica de primeira grandeza.*” (MERQUIOR, 1996 p.37) que será o contraponto de nossa meditação neste texto. Surge dessa forma, em Cora, a figura do artista, revelando-se. Cuja obra percebe-se num sentimento cósmico, e se nossa alma vibrou uma vez só em alegria, as demais eternidades colaboraram para determinar esse único fato, e nesse instante de afirmação coexiste harmonicamente a identidade, a memória, a projeção, a relação estética, compondo e imaginando livremente. Nesse sentido, afirma que:

Desse regionalismo se poderia dizer que respondeu à exigência de universalizar-se, guardando no seu vigoroso senso de lugar uma dimensão profundamente humana. Assim, diante de tal contexto apresenta-se indagações e diálogos consigo mesmo. É claro que a contemplação da obra não isola o homem de seus pensamentos, podemos perceber o inefável sentimento poético, como arauto de seu tempo, e o sincronismo com o espaço coralíneo. ((MERQUIOR, 1996 ,p. 37)

Com o necessário desdobramento do processo artístico a partir dos idos de 1922, submetidos ao clima do modernismo e pós-modernismo, poderíamos apresentar agora, e a título de introdução, algumas questões para reflexão dessa época tão simbólica no Ocidente, uma vez que o ato criador é hoje determinante na sociedade, que a despeito do despertar da sensibilidade do artista também ganha relevo sua participação social na nova ordem mundial.

A distinção inicial do fazer poético de Cora Coralina se expressa no caminho-texto, um estilo particular de se posicionar criticamente e que contribuiu, ainda que de maneira bastante discreta, para formação artística no Brasil. Em outras regiões o que se percebeu para além das temáticas foi a diversidade das inovações técnicas como o humorismo dos novos poetas, dentre eles, Bandeira e Drummond descobrindo uma estética no subsolo do gesto da criação e dessa aventura surge no âmbito literário desse ambiente, talvez o desejo de avacalhar as parnasianidades dominantes, com grandes doses de nacionalismo, mas não menos autêntico, que o da poesia da terra, da identidade cultural, rompendo com as tradições. Das lições de Merquior sobre o processo de modernismo, nos dá exemplo:

Grande parte do assédio ao modernismo se manteve na tentativa de depreciar a sua revolução pela denúncia dos seus estrangeirismos. O modernismo teria sido tão importado quanto as nossas outras mais antigas ondas culturais. O modernismo ainda era, a esse respeito, mais uma mimética macacada... Mas é sobretudo aqui que se faz necessário julgá-lo não pelos seus programas (às vezes desastrosos), mas sim pela sua obra que foi ricamente superior aos erros e até aos acertos dos seus programas: o que essa obra nos diz permite afirmar serenamente a nacionalidade de 22; porque ela nos dá muito menos futurismo muito menos qualquer sorte de ligeiro “experimentalismo” – do que saudável penetração brasileira, proximidade da terra e vizinhança do povo. A importação foi quase nada; em contraste com ela, a conquista do Brasil se tornou uma das glórias dessa poesia. Há no modernismo uma literatura telúrica de primeira grandeza. (MERQUIOR: 1996, p. 38)

No âmbito artístico houve a inédita aproximação da fala popular do ambiente regional, que partiram de certas investigações sobre a arte. Pense-se, por exemplo, a nova dimensão do conhecimento crítico da arte não apenas sobre o mundo da tecnologia e da velocidade das máquinas, mas também da própria reflexão sobre o papel da arte nesse mundo. A poesia, longe de qualquer crise, passou a situar-se esteticamente em relação ao mundo coexistindo harmonicamente com sua própria essência reflexiva e a-histórica, esses detalhes se percebem na travessia em busca do vir a ser do fenômeno das dimensões mais sensíveis da vida. Longe do ufanismo ou das correntes de pensamento empiristas do século dezenove, a literatura regional se recriou e se mostrou renovada, como afirma Merquior:

Essa poesia regional se banhou de emoção genuinamente válida para o Brasil e mundo, sendo amor da terra elevado ao universalismo dos mais altos sentimentos, num jogo entre particularidade do solo e a excelência da arte, entre o cingir-se ao ambiente e o valor para qualquer local. Regionalismo, portanto, de integração de culturas. (MERQUIOR, 1996, p.38)

O regionalismo abandona a ideia de isolamento para se recriar como fator de integração nacional e universal, voltamos a uma literatura fecunda, advinda do movimento modernista, até então prenhe de promessas com fluxos de liberdade telúrica, e é nesse clima de

cunho novo que se faz necessário compreender a grandeza e singularidade dessa autora, captado na universalidade e a atualidade dos seus textos. Também os elementos temáticos que permeiam o pensamento produzido pela geração em que a poetisa fez parte, ressaltando o passado do qual trouxe subsídios para a elaboração de seus poemas. Ora, em seus novos caminhos e desvios enquanto lugar, as raízes, vestida de espontânea sensibilidade, a poetisa goiana buscou tratar de um sem-número de fatores que a cercavam, como símbolo de representação poética de realidade humana e do universo, através de palavras cantadas e faladas ou, simplesmente, articuladas de pessoas comuns, da essência exata de algo vivo, sua identidade primeira foi se fundamentando, tornando a compreensão do ficcional ou do poético mais perceptível. Além disso, tentemos refletir um pouco sobre essa visão de raízes, poderíamos evidenciar a modernidade que abrange a ruptura com parnasiano, àquela simplicidade de essencial nudez, (modesta ousadia de despir) simbolista, sem dúvida o rompimento com o passado – lugar de origem do novo.

Lembremos que esse movimento ganhou relevo e ênfase a partir de 1922, isto é, o conflituoso tempo de guerra, assim a intencionalidade só se torna possível na reação contra o momento romântico que já definhava, ou seja, o mundo já se movia a partir de uma nova dinâmica e com uma velocidade cada vez maior. A liberdade ganhava novas formas, ou melhor, novas possibilidades para se tratar o tema da forma diante do conteúdo das palavras, não havia mais a ênfase sobre o conteúdo, e as possibilidades temáticas se tornaram muito mais amplas. A abertura para realidades novas chegou, fixam-se e começam se definir rumo não a um modernismo, mas à modernismos. Segundo BOSI (1987, p.233) *A modernidade se dá com a recusa e ilhamento.*” Caberia, portanto, observar que não é menos certo que a intuição da gênese do modernismo foi gerada na transposição de movimentos literários e artísticos das vanguardas européias e esse processo se manteve contínuo por longo tempo, alcançando, inclusive, a região central do Brasil.

A proximidade da fala popular volta a fecundar a literatura sob um enfoque de seriedade literária, diante do clima de reencontro do homem adulto com o mundo mágico da jovem anciã goiana que desbravou na literatura regional, local ainda marginalizado ao processo de modernização. Percebe-se, no subtexto, ideia que sugere DENÓFRIO, no capítulo em que a autora reflete a figura da artista no cenário modernista:

Portanto, é legítimo que essa mulher, que nasceu no século XIX (1889) e conviveu com tantos poetas e prosadores de discursos anacrônicos, mesmo estreado como poetisa aos 76 anos, apresente uma poesia com algumas daquelas inconfundíveis marcas do Modernismo brasileiro. Libertária por temperamento, sua poesia só poderia mesmo assumir este rosto. Jamais tolerou a métrica, se chegou a usar a rima, não o fez do modo convencional, uma vez que sua alma reclamava mais esta liberdade – a

criadora- carro-chefe da estética de 22. Não é sem razão que parodiou Manuel Bandeira, o moderno de que ela esteve mais próxima, até mesmo na incorporação dos aspectos biográficos, presentes na obra de ambos. (DENÓFRIO. 2004, p. 19)

Há importantes lições de Cora Coralina sobre a questão da arte moderna porque ela se tornou escritora efetivamente depois que a verve e o entusiasmo modernista há muito havia passado, deixando apenas rastros atrás de si, essa situação é bastante inusitada no cenário literário brasileiro, principalmente no modo como a poetisa buscou refletir sobre essa herança modernista em sua prática poética e que nos aponta para um mundo que se mostra sempre como um porvir. Consequentemente ela nos abre as portas da casa velha da ponte, e nos sugere que a arte não se encontra seu termo no mundo fechado da tecnologia; existe continuidade nesse caminho-poesia.

Poderíamos apresentar aos poucos, cada verso, cada conto, pois é justamente o novo saber da arte que desponta no horizonte coralíneo. Elegemos o primeiro livro de Cora para homenageá-la nesse discurso: em 1965, *Poema dos Becos de Goiás e Estórias mais*, pela Editora José Olímpio, [onde trabalhou entregando livros] e foi reconhecida a ponto de publicar essa obra.

Foi ganhando várias edições, universalizando a literatura com tamanha força e expressão que a escritora o (re) construiu e presenteou [aos leitores] em sua obra inaugural: *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (1965)...”*Vai, meu pequeno livro. Que possa sobreviver à Autora e ter a glória de ser lido por gerações que hão de vir de gerações que vão nascer.*” Escreve com uma delicadeza de musa e um bom humor de conotação feminina, possui a nitidez de mulher sábia, *que se revela intimidades pessoais e sociais que ela assim eternizou.*

Acrescentaríamos *coralíneamente*⁹ que a razão dessa busca, encontra-se talvez, no próprio destino. No poema “Aninha e suas pedras”, consolida sua conotação metafórica, sozinha supera tudo, não se entrega jamais. Conclama:

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos **poemas**. (não seria problemas?) [grifo nosso]

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove **pedras** e planta roseiras e faz doces. Recomeça. [grifo nosso]

Faz de tua vida mesquinha
um poema. (agora sim, é poema)
(Coralina, 1985, p.139)

⁹ Termo cunhado pela autora desta Dissertação de Mestrado.

A estranheza e a formidável intensidade de versos que conclamam à celebração poética da vida “mesquinha” nos mostra que o que permanece no poema, por sua diversidade de nuances, é a evasividade metafórica. Sempre recomeçar é um tropo definitivamente relacionado a alguém que está, no plano ontológico, para além de nós, a nossa espera, perpetuamente adiante na estrada, esperando por nosso atraso. Nesse ponto encerramos o círculo de nossa reflexão desse capítulo. Reafirma-se assim, com mais rigor os versos mencionados com mais força a nossa ideia inicial, o eu poético dialoga com o próprio poema, fazendo indagações profundas acerca do que vivenciou a autora e sem dúvida alguma, o modo de atração para si mesma o seu mundo real, fazendo-o perturbador, caótico, mas sempre retornando a um encontro com o ser.

O eu lírico diante de tais circunstâncias, avança por labirintos; apresenta-se artisticamente e é indagado como a firmeza da pedra, o brilho do metal, a dureza da madeira para assim instaurar a verdade poética. Permite vários questionamentos e se põe a disposição da arte. A linguagem humana acontece pela emoção lembrada na tranquilidade, [conforme a visão de Shelley], provida pela poesia ao vento casual a partir de um estímulo de criação na imagem que ecoa através do eu lírico; que utiliza recursos da poesia como um exercício de liberdade de expressão, e evidencia o texto livre que tem suas vontades próprias na poesia e textos atribuindo paternidade ao autor.

II- CORA CORALINA E A LINGUAGEM POIÉTICA

Apoiados pela escrita cuja liberdade criadora é a força da paixão que habitava Cora Coralina, adormecida por longas décadas afastada de sua terra natal, assim se explica o despertar no entardecer de uma *poiésis* que veio a luz no momento adequado. Trata-se de uma poesia ancorada na experiência, cujos ingredientes misturaram seus atentos olhares às insignificâncias do cotidiano, à polifonia de múltiplas vozes que enaltece seus textos, a literatura (popular), que por vezes nos reforça a simplicidade e fluidez de estilo. Extremamente significativas a respeito são as belas páginas que Bosi dedica a mão operária do artista, o que se vê em suas palavras a seguir: “Logo, há entre o poeta e o campo da experiência não só a mediação imagística como também as várias mediações do discurso: o tempo, o modo, a pessoa, o aspecto, faces todas que a predicação verbal configura.” (BOSI,1977, p. 115)

Por isso pelo tipo de apreensão da realidade que se faz nos poemas de Cora, por exemplo “pedra” é nome e é imagem recortada de um momento da experiência humana. O que se pretende é compreendê-la, é ler na sua obra, transitando no âmago do imaginário, as suas produções ainda que tendem naturalmente permearem o espaço de criação e existência do fazer-se, da sua pessoa, suas produções ultrapassam os sentidos e atentam as metamorfoses do fazer artístico e lírico.

O recurso do espaço funcional da voz poética que anuncia outras vozes, suscita a tensão entre o vivido e o lembrado, a memória de um povo com fortuna poética e a partir da obra, o texto literário, uso específico e complexo da língua, signos linguísticos, palavras que compõe sequências narrativas dentro da literatura, assumem significado variado e múltiplo. Nesse sentido, considera-se que o eu poético tem também essa predisposição de marcar uma época, uma cultura, um local, abrange sua singularidade, alegoria, particularidade e complexidade no campo do tema poético que enriquece a literatura brasileira.

Mesmo que não se possa explicar a relação entre obra e o lugar em que essa obra foi produzida, não se pode também ignorar que de certo modo existe uma intensa relação da voz poética com o lugar histórico, e que esse espaço também é ideologicamente marcado, capaz de traçar paralelos entre fatos que focalizam memória no sentido de conservação e reconstrução do passado. Bem como registro de um tempo e vida construída por um conjunto de diferentes vozes nas próprias reminiscências ancoradas aos seus textos. O eu lírico desvela a existência das coisas por meio do texto poético, quebrando o silêncio das palavras e revela o poder da existência, da vitalidade, do raciocínio, da observação, da filosofia e da poesia, na identificação afetiva, um parecer recíproco. Para Gilberto Mendonça Teles:

Como poeta autêntico, conhecedor de sua arte e dos elementos linguísticos de que se vale, tem consciência de que é no reino das palavras, tal como o queria Drummond, que se trava a grande luta entre a percepção absoluta e sintética da intuição poética com a necessidade de expressão, de uma única expressão da matéria analítica e discursiva da língua. O resultado dessa luta é a vitória do poema com as suas possibilidades, inúmeras, de poesia. (TELES: 1965, p.346)

Não é difícil identificar a arte e a beleza refletida no olhar da poetisa ao convívio com experiências cotidianas, de todos os significados existenciais e do lirismo contidos na obra e nessa respiração, configura-se a consciência telúrica da poesia. Mesmo consciente de que a arte modernista sempre travou uma longa batalha entre a significação e a apreensão, essa preocupação não parece ser a mais importante como seria de se esperar de uma autora modernista, isto porque em seus poemas o vigor poético de Cora Coralina se deixa notar pelo modo como se ocupa em descrever o espaço social de sua cidade natal:

“Minha Cidade”

Goiás, minha cidade...
 Eu sou aquela amorosa
 De tuas ruas estreitas, curtas
 Indecisas,
 Entrando,
 Saindo
 Uma das outras.
 Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha
 (*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias mais*, p. 34 Ed. Global, 1965)

Cora Coralina, a mulher com seu estilo inconfundível e pessoal, contadora de histórias e coisas de sua terra, faz referências de temporalidade na apaixonante descrição que se desnuda em um descortinamento do cotidiano da então Vila Boa de Goiás (cidade de Goiás) no poema “Minha Cidade” faz uma travessia literária, se manifesta em sua linguagem forte e lírica a reminiscência das ruas, do amor pela cidade e sua identidade perpassando passado e futuro:

O poema todo não passa de uma auto-apresentação da “mulher que ficou velha” e que está “Cantando” agora o passado da cidade e, orgulhosamente “Cantando teu futuro”. Ela trata a cidade como um ser vivo e humano, em segunda pessoa, como se estivesse conversando com ela. Na verdade, é como se a Aninha dos quinze anos estivesse dizendo a Cora Coralina dos setenta o que deveria ter dito antes, pensando no “futuro”. Mas qual deles? O da cidade ou o da própria escritora? Note-se o intervalo temporal entre a primeira estrofe, quando ela está falando de sua infância, e o tempo da segunda, quando fala da mulher adulta (“Eu sou aquela mulher / que ficou velha”). (TELES. 2018, p.)

Seria oportuno um pequeno parêntese para lembrar o fato de que, esta refutação entre o novo e o velho está na psicologia dramática do tempo que se passou entre saída de Goiás e a volta mais de quarenta anos depois. E o que se pode ser percebido aí, no qual se dá no texto a

presentificação da adulta até o fim, quando então se volta ao refrão da estrofe inicial (CORALINA: 1965, p.34): “*Goiás minha cidade...*”

A poetisa Confirma o amor próprio da descendência goiana, enaltece seu lugar de produção; sua identificação metonímica com as coisas da sua cidade natal, refletida na contemplação do espaço: “Eu sou aquela amorosa”, “De tuas ruas estreitas, curtas” “Indecisas”, “Entrando”, “Saindo” “Umas das outras” em nível ontológico e propõe sua dimensão poética, entre outras coisas, entrelaçando memórias pensadas “arte” e escritos de uma tese que se desenvolveu desde seus quatorze anos, e guardou por mais de quarenta anos as memórias pensadas e escritas de sua infância na antiga Vila Boa de Goiaz sua terra natal, hoje Cidade de Goiás.

Local de inspiração e produção de toda obra, como já foi dito anteriormente, valorizando seu ser e sua estética, sua terminologia a que o leitor está familiarizado. Além disso, evidencia-se em seus textos e poemas com louvor: a valorização regional fugindo ao pensamento provinciano, a expressividade deleitando na verticalidade de sua linguagem impositiva, e por fim, os acontecimentos que se desvelam na experiência futura que germinava em solo poético. Cora Coralina representa a sua vida. Desentranhando-se a descoberta no transcurso da pesquisa, no que se deva registrar a circularidade do estado sensível e do cultural. Na condição de poetisa mensageira da liberdade, o que interessa em seus poemas e contos é o modo particular como esse eu-lírico busca enxergar a si mesmo nesses outros espaços, nessas outras pessoas a quem ela se irmana, Gilberto Mendonça Teles nota que essa relação entre a poetisa e o seu espaço social sempre pareceu bastante definido: [...] *em segunda pessoa, como se estivesse conversando com ela. Na verdade, é como se a Aninha dos 15 anos estivesse dizendo a Cora Coralina dos setenta.* (TELES, 2017)

Sua vitalidade está presente em seu modo de enraizar-se, enraizamento de conotações geográficas, memorialísticas, de traços sempre líricos e telúricos. Livre, turbulenta, receptiva, de poemas rudes como as pedras e fragmentos de cada elemento do tempo a autora se enraíza na matéria-pedra, nos mais ínfimos elementos do mundo que a cerca, como, por exemplo, no poema “Das Pedras”:

Ajuntei todas as **pedras**
que **vieram sobre mim.** [grifos nossos]
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.

Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.

Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um **companheiro.**
Tudo de pedra. [grifo nosso]

Entre **pedras**
cresceu a minha **poesia.**
Minha **vida...**
Quebrando **pedras**
e plantando **flores.** [grifos]

Entre pedras que me esmagavam
Levantei **a pedra rude**
dos **meus versos.** [grifos]

(CORALINA, 1987, p. 13)

Na recorrência das pedras parece haver uma exaltação permanente da renúncia, tão crucial para uma poetisa sexagenária, as pedras oferecem, no entanto, o equívoco necessário como pano de fundo da verdadeira exaltação que reside no antagonismo estético da autora, que deve perseverar para além mesmo da própria falibilidade da memória. A profunda ironia trágica contida nesses versos bem poderia se servir das imagens em construção descritiva da obra que também espelha a passagem do tempo de uma vida.

A pedras de Cora se diferenciam em cada verso; detalhes de uma vida que se encontram nos vãos e no interior da palavras e das coisas, justificam-se as possibilidades de desprender-se das provocações do caminho porque o caminho já foi trilhado, o que resta é o olhar como ambivalência que recusa-nos a escolher uma perspectiva absoluta dessas pedras que também se efetivam como perdas, como um acróstico. Assim se explica o caminho positivo de retorno ao passado. De acordo com Denófrío:

Partindo de um universo mais remoto, alcança-se agora o mais próximo, com as marcas de um corpo lírico lanhado, que assume o saldo de sua própria escolha, tentando reverter ou, ao menos, compensar as suas agruras com as flores-poemas. *Pedra e flor*, sobretudo a primeira, são palavras tão reincidentes quanto simbólicas no texto de Cora Coralina. A palavra pedra, no singular, no plural ou em formas parassinônimas, comparece 86 vezes em sua obra lírica publicada. Isto sem falar de sua reincidentia na prosa, nas entrevistas e em falas gravadas. Chegou a dizer que em sua poesia só havia pedra. (DENÓFRIO. 2004, p.11)

São poemas que revelam a profunda preocupação humano-cristã e social da autora. A intenção de nossa análise crítica é identificar a complexidade de caminhos, de possibilidades de um poeta fingidor e, ou revelador, que podem estruturar a relação sempre problemática entre

os elementos textuais e a vida, fazendo que nossas escolhas epistemológicas possam permear nossas concepções referenciais nos caminhos produtivos da voz poética. Segundo Pesquero:

A vida de Aninha não foi mole, não. Psicologicamente, sobreviveu às dificuldades ambientais e familiares, por sua teimosia prometeica. No poema “Vintém de cobre (FREUDIANA), ela, dramática, relata como o tempo não apagou e sim marcou, indelével, no seu íntimo, as pegadas da pobreza social e espiritual do meio onde foi criada e que, no entanto, jamais conseguiram desnordeá-la, na sua árdua rota. (PESQUERO:2003, p.40)

Os recursos textuais em forma de metáforas em sua escritura feminina impregnada de lembranças, escrita na segunda pessoa como se fosse a menina de quatorze anos contando a anciã de setenta os seus conflitos pessoais, dramas sociais. A busca de diferentes formas e figuras descritas na obra, criam impressões do que foi completamente vivido, para se reconhecer e se constituir como sujeito de sua história.

Eu sou aquela mulher
Que ficou velha,
Esquecida e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado
Cantando teu futuro.
Eu vivo nas tuas igrejas
E sobrados
E telhados
E paredes
(CORALINA, 1965)

Nesse território, compreendemos o conjunto de sua obra na reconstrução do verso livre, do eu lírico da autora que soube retirar da matéria, os seus trabalhos mais autênticos. A originalidade e a atualidade do texto coralíneo, que envolvem, de cunho específico, memória em prosa e poesia se considerarmos que se estende na palavra as veredas que se aproximam das dimensões mais sensíveis da vida.

Entre os conceitos fundamentais que marcaram o destino de sua arte; rompem com a tradição que confirma movimento circular da forma da arte e conceitos de emoção na obra da mulher Cora. Concluindo o poema *Minha Cidade*, escolhemos como um marco decisivo desse caminho e dessa aventura, a repetição do verso inicial:

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.
(CORALINA, 2013, 1965)

Acrescentaríamos apenas uma abordagem de Denófrío que vale ressaltar para embasar a pesquisa:

Sobre sua infância, Cora Coralina constrói versos autobiográficos em que nos fala fartamente dessa quadra dolorosa de sua vida em que sofreu a indiferença da mãe (viúva por três vezes e sempre fechada no universo da leitura de jornais e romances ou dos negócios); a discriminação das irmãs e a insensibilidade de adultos da família. (DENÓFRIO, 2004, p. 339)

Retorno ao passado e principalmente, ao conjunto de fragmentos de memórias que vão seguidamente construindo um núcleo, ora familiar ora subjetivo. Portanto, reina aí a ambiguidade, unindo o convívio familiar, o caráter opressivo de uma sociedade arcaica em descompasso com a época, o isolamento pessoal e a necessidade de libertar-se do domínio e ao mesmo tempo dispor-se a dominar, a partir de certo momento histórico, o fortalecimento de seu agôn poético. A poetisa se apropria do livre uso do que lhe é próprio e parte do princípio de dona da eternidade e não lhe impeçam o seu direito ao sonho. (Evocando o desprezo de mãe e irmãs)

Trata-se de uma passagem curiosa na obra de Cora, sob a força e a perspectiva de aproximação do sentido do sujeito lírico e a sua arte. Tendo como principal apoio teórico uma mulher goiana que encantou, com seu caráter simbólico-imagético que transcende seu discurso de intuições poéticas.

A mescla do tom memorialístico corrobora marcadamente com o acordo e a forma modernista nos traços que representam como Cora Coralina constrói seu arcabouço poético, fizemos referência à necessidade de uma ponte entre vida e obra da autora porque ambas estão ligadas, embora não de maneira ingênua que se poderia supor quando se aproxima o autor de sua obra, na verdade, interessa-nos apreender a poesia por trás da relação entre vida e arte. A poesia torna-se a chave para a compreensão do raciocínio coralíneo. Tais considerações nos remetem a outro ponto que merece atenção é a fala do próprio visível, em sua força agora a beleza de um verdadeiro poema de versos livres, poema de verdade, não um tipo de narrativa comum em vários textos de Cora Coralina. O poema *Aquela gente antiga – II*, além da contenção de linguagem, a obra tem a força poética da dicção sublime e sugere:

Aquela gente antiga explorava a minha bobice.
 Diziam assim, virando a cara como se eu estivesse distante:
 “Senhora Jacinta tem quatro fulores mal falando.
 Três acham logo casamento: uma, não sei não, moça feia num casa fácil.
 [...]”

Cresci com os meus medos e com o chá de raiz de fedegoso,
 Presente pelo saber de minha bisavó.
 Certo que perdi a aparência bisonha. Fiquei **corada [grifo nosso]**
 E achei quem me quisesse.
 Sim, que esse não estava contaminado dos princípios goianos,
 de que a moça que lia romance e declamava Almeida Garret
 não dava boa dona de casa. (CORALINA, 2013, p.198)

Retomando ainda a relação arte-vida coralínea, trazendo seus floreios históricos em sua reflexão aclaramos sobre partes do verso que inclui o seu plano de fuga junto ao homem com quem viveu e teve filhos, tais observações são pertinentes, embora não sejam citadas com frequência na obra.

e mandou que viesse
 o homem e a mulher,
 tomassem da terra
 e gerassem filhos.
 (CORALINA, 1987, p.35)

Em Jaboticabal interior de São Paulo, após fuga com um homem divorciado de uma índia, que conheceu nos saraus em que recitavas ser versos junto a Leodegária de Jesus, já citada anteriormente, a amiga íntima, contato que manteve pela vida; retornando em nossas observações, no intuito de finalizar essa quadra de análise, Cantídio agora seu parceiro: “E achei quem me quisesse”(Coralina, 2013). Tudo agora é recordação, metáforas, estórias...

Na garupa do meu cavalo,
 Levo meu peixe de ouro.
 Comando a rosa-dos-ventos
 E não me chamo Maria.
 (CORALINA. 1987, p. 16)

Numa noite escura, Cantídio encosta o cavalo nalgum lugar perto da Casa Velha da Ponte, Cora se encoraja e vai, vai viver fora dos territórios goianos, marcando o contragosto dessa união pela mãe, e na sequência, resolvem fugir, ambos deixam Goiás. Cedendo lugar ao escândalo que tomou conta da velha cidade ao amanhecer. Ninguém perdoava o gesto de Aninha...dezesesseis dias para ir e quarenta e cinco anos para voltar, sozinha.

Mas em *Semente e fruto* (CORALINA, 2008, p. 241) revela claramente: “Um dia, houve. / Eu era jovem, cheia de sonhos. / Rica de imensa pobreza / que me limitava / entre oito mulheres que me governavam. / E eu parti em busca do meu destino. / Ninguém me estendeu a mão. / Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedra.

Sua própria história nos fala de sua impotência. Em depoimento à Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, no dia 10 do mês de junho de 1980, Cora discorre, em seu retorno a Goiás:

“Passei 45 anos de minha vida, a face brilhante, os olhos vitais, cabelos lisos, negros, e quando voltei, vinha vestida já das neves dos anos. Mas trazia dentro de mim a soma, um depósito, um repositório enorme de coisas de minha terra. A minha ida para São Paulo demorou 16 dias, 14 a cavalos, de Goiás até Araguari, e dois dias de trem de Araguari a São Paulo. A minha volta demorou 45 anos, e quando eu ia eu já voltava, em passo de caranguejo, um para frente dois para trás. Tudo quanto eu escrevi e tenha publicado foi depois de minha volta a Goiás ”

É certo que a ideia de saída é constante nas suas “memórias”, em verso e prosa.

É importante registrar a presença nesse cenário do jogo dialético entre modéstia, a busca por uma possibilidade de apreensão da vida como fonte de sabedoria e orgulho, ou seja, o domínio da técnica poética adequada para tal empreitada:

Este livro foi escrito
por uma mulher
que no tarde da Vida
recria e poetisa sua própria [grifo nosso]
Vida.
Este livro foi escrito
por uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores.
Este livro:
Versos... Não.
Poesia... Não.
Um modo diferente de contar velhas estórias.
(CORALINA, 1965, p.27)

O triunfo de Cora Coralina sobre a linguagem e a personalidade em toda a vida, é marcado nesse verso. Dessa forma, no desejo de capturar a sensibilidade, com um talento literário único, a poetisa goiana fez a diferença entre outras escritoras no cenário brasileiro por seu caráter quase único. Fecharemos assim a última parte de nossa reflexão neste contexto, sugerindo a possibilidade em associar áreas de conhecimento à autobiografia de Cora, a partir de um período histórico social à condição humana e gerar uma viagem pelas épocas que circulam por espaços diferentes.

2.1. Poética em Movimento: Algumas Considerações

Entende-se por modernidade do ambiente poético, como lugar da consciência de todas as formas de verso. Da tradição, da ruptura, da reflexividade que tem raízes determinantes em

cada gesto artístico, seguiremos atentamente com olhar atual referendando as propostas da hermenêutica de Gilberto Mendonça Teles (sobretudo na tese de Paz), e a filosofia que influenciam e somam-se os saberes, à ideia ontológica artística, considerando a poética refletida na arte, daí porque, antes de elaborar o conceito da obra, nosso primeiro passo requer uma característica interpretativa, peculiar, imbuída na relação originária entre o homem e o mundo.

Afirmando isso decidimos aprofundar o próprio sentido ou motivo desse pensamento ao esclarecimento da trajetória coralínea, da vida pessoal, do conhecimento, da história e da expressão artística, caminho que não se lança diretamente para conceitos e fins, pois firmamos em ideias e valores a quem soube retirar da fonte o inesperado.

Apoiada pela vanguarda goiana daquela época, a autora iniciou seu caminho literário fecundo em Goiás. Na verdade, ela preferia os jovens. A poetisa declara, em seu poema, “Meu vintém perdido”, seu “respeito constante pelos jovens. / Foram eles, do grupo GEN¹⁰, cheios de fogo novo/ que me promoveram a primeira noite de autógrafos [...]” (CORALINA, Apud. DENÓFRIO, 2004 p.22). Esse fragmento discorre sobre a estreia da autora no mundo literário, sua trajetória e comprova a tese de que foi muito mais apoiada em Goiás (lugar de produção) pelos jovens articulistas e pensadores universitários.

Pensar no mistério da poetisa e no período histórico de construção poética e produção, ancoramos em relatos de vida que sustentou a obra. Dessa forma, e conforme dizíamos há pouco, além dos jovens goianos, a poetisa recorreu a Livraria José Olympio, que se transformou em editora famosa; lugar onde Cora trabalhou entregando panfletos em escolas e locais comerciais. Adquirindo experiências literárias e contato com autores diversos, julgamos ter contribuído para sua ascensão ao mundo das palavras.

Tão intenso é o questionar sobre o ato de publicar da poetisa, seu patrão em Andradina, emprestou a chancela para publicação do seu primeiro livro, a partir da ajuda dos amigos [A autora deu o valor de seis contos de réis e alguns doces, como pagamento] e o enviou para publicação, no interior de um processo onde se perde ganhando-se, foi publicado em Goiânia seu primeiro livro. Assim se explica sua mensagem jovem, arte que se soma ao lírico e dá poesia, e dificilmente algo sentimental-romântico, seja clássica, moderna ou contemporânea, sobreviveu a crítica, uma jovem anciã, mulher idosa com mensagem forte.

¹⁰ Durante Maio de 1968, foi o Grupo de Escritores Novo (GEN), criado com o objetivo de estudar literatura goiana, brasileira e internacional. Um dos fundadores, o escritor Miguel Jorge explica que o GEN foi um meio de resistência.

O poema se nutre da linguagem viva de uma comunidade, de seus mitos, seus sonhos e suas paixões, isto é, suas tendências mais secretas e poderosas. O poema constrói o povo porque o poeta remonta a corrente da linguagem e bebe na fonte original. No poema a sociedade se depara com os fundamentos de seu ser, com sua palavra primeira. (PAZ. 1982, p.49)

Homenageada que se pense necessariamente ao lugar de seus segredos. Pois Goiás a pertence, por exemplo, seu nome é lido e visto em escolas, bairros, praças, centros culturais, ruas e vários locais que não estenderemos aqui, Cora Coralina, reconhecida em vida pelos goianos. E o que ela mais almejava, escrever para o público, escrever para ser lida, elogiada e criticada, mais que tudo isso, corrigida e ensinada. Seu poema revela o que ela é, uma mediação entre a sociedade e aquele que a funda. Buscando a plenitude do conceito, Denófrio nos assevera:

Ecléticos como a própria autora, vários são os poemas de Cora Coralina abertos à intromissão de outros gêneros. Em alguns, como é o caso de “Estória do/ aparelho azul-pombinho” e “O prato azul-pombinho”, fundem-se o épico e o lírico de tal forma que poderiam ser classificados como verdadeiros epilíricos./ Seu plurissignificativo “As tranças de Maria” também já inspirou um filme homônimo. Mas o que importa: no cerne de seus poemas, exala sempre o aroma da mais lídima poesia. (DENÓFRIO: 2004, p. 26)

Fecha-se o “círculo” coralíneo de expansão poética: nasceu antes do tempo, por isso floresceu tardiamente já diziam alguns escritores. Pelo exposto a poetisa prosseguiu meditando na vida, com dogmatismo, carisma, arte, criatividade e outros tantos aspectos observados na obra coralínea.

Por vezes, recorremos a conhecimentos filosóficos da arte como imitação, para reconhecer o valor artístico, “O imitar é congênito no homem “[...] e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções [...]”. (ARISTÓTELES, p. 247)

Por essas razões expressando as referências ao observarmos que a arte assume um movimento específico para a compreensão consciente, a partir da pesquisa de investigação sob um novo olhar considerando a história da essência da arte ocidental. O que estamos tentando afirmar é que desde a concepção daquilo que se compreende como o “ser”, torna-se necessário abarcar o retorno da linguagem a si mesma, mas não na forma de uma metafísica, mas na forma de uma preocupação efetivamente histórica, a propósito, escreve Paz:

[...] a religião postula uma vida eterna, mas numa eternidade que “despova o instante”; acena com uma eternidade depois da vida. A poesia não: “Entre o nascer e

o morrer a poesia nos abre uma possibilidade que não é a vida eterna das religiões nem a morte eterna das filosofias, mas um viver que envolve e contém o morrer, um ser isto que é também um ser aquilo.” (PAZ. p. 1982).

Comentando a frase de Octavio Paz, citada há pouco, escreve Gilberto Mendonça Teles: “Um que é um outro, que é ele mesmo, dirá o poeta mexicano. Enchendo a sua poesia de religião e fazendo da religião a força de sua poesia.” A arte está propondo uma morte radical de seus modos de vida ou em seu processo de “morte” entre o nascer e o morrer a poesia nos abre uma possibilidade, surge novo, o contemporâneo para explicitar a sensível mudança do conceito artístico, mesmo se a biografia do autor for suprimida, porém não anula o criador.

O universo está imantado. Uma espécie de ritmo tece o tempo e o espaço, sentimentos e pensamentos, julgamentos e atos, e faz do ontem e do amanhã, do aqui e do além, da náusea e da delícia, uma só tela. Tudo é hoje. Tudo está presente. Tudo está, tudo é aqui. Tudo está em outra parte e em outro tempo. Fora de si e pleno de si. E a sensação de arbitrariedade e capricho se transforma num vislumbre que é todo regido por algo radicalmente distinto e estranho a nós. O salto mortal nos põe diante do sobrenatural. (PAZ: 1982 p 153.)

Diante de tal consideração, torna-se possível apresentar como temática dissertativa, a expressividade da lírica de Cora Coralina, uma vez que o fazer poético vai se construindo, em sua forma, performance e fluidez. A artista literária que tem a centelha, o borbulhar da inquietação, expressa seu sentimento e experiência em sua obra *Vintém de Cobre: Voltei./ Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém./ Quarenta e cinco anos decorridos. / Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando a minha gente.* (CORALINA: 2013 p.135)

Uma obra de arte que participa duplamente da história social, centralizando o valor artístico do texto lírico, no intuito de explorar os traços poetizados. As descrições históricas, as mazelas humanas e as belezas naturais da terra natal referendam a importância e a determinação em muitas destas trajetórias que a poetisa capta no seu jogo do olhar poético, há uma profunda força na carga poética marcada por uma força vinda do coração do Brasil.

A voz poética em movimento de Cora Coralina transitou quase meio século de vida, escrevia desde 14 anos, estendeu o gênero do poema autodidata em versos e à poesia lírica, declamou seus versos livres, militou a favor da natureza [identificação com a cidade, com a água, com a terra, com os animais] com tendência sutil entre as fronteiras do épico e o lírico. Assumindo uma postura pessoal seu caminho percorreu a poesia ficção, dispôs-se a fornecer pistas ou abrir portas para uma espécie de paradigma (de estilo, de produção, de localismo cultural, literatura popular e etc.) se considerarmos a obra publicada já na fase de sua velhice.

Necessita, pois, uma crítica histórica de (re) construção narrativa da obra, através de uma análise crítica no intuito de identificar as complexidades da abordagem da estrutura textual, como riqueza de pensamento bem como a identificação com sua sócia – a mera das obscuras, trazendo para o cenário poético uma conotação feminina, liberdade na criação ou variabilidade temática que registra a ideia do pertencimento do autor e de sua cultura local e apontar dentro da obra o lirismo de alguns poemas.

Para que se possa responder à problematização proposta neste estudo é necessário primeiramente se ater tanto nas obras literárias de Cora, quanto nas teorias críticas que sustentam tais produções. Porque, a propósito escreve Pesquero: “as circunstancias adversas não a fizeram sucumbir,[...]se fez superior a elas,[....], ou seja, apropriando-se delas, com “mão fechada”. Sempre se proclamou dona e senhora da situação.”

Mas não se pretende aí a classificação em face dos objetos sensíveis tais como o estudo da poética, do imaginário na obra de Cora Coralina, em verdade pretende-se reconhecer no seu texto, um paralelo entre sentimento cósmico presente nos sentimentos da poetisa e sincronismo com tudo que a cerca. Segundo Alfredo Bosi:

Que o imaginário decorra da co-extensidade de corpo e natureza; que ele mergulhe raízes no subsolo do Inconsciente, é a hipótese central de um Gaston Bachelard, para quem é preciso descer aos modos da substancia – a terra, o ar, a água, o fogo -, para aferrar o eixo natural de um quadro ou de um símbolo poético.”(BOSI, 1977 p.18)

E é nessa vertente que estudiosos reconhecem expressividade e significado do conjunto da obra de Cora Coralina; é também com essa finalidade que o poema faz o som ecoar o múltiplo sentido às coisas.

Será em Gilbert Durand (1998)¹¹ que será delimitada a fundamentação para o imaginário. É por aí que nos ocorre, a propósito, registrar o modo como as imagens são produzidas e transmitidas e como ocorre a sua recepção na obra de Cora, este estudo busca, primeiramente, aprofundar a ideia de imaginário, às vezes intuitivas que identifique as formas e cores líricas, contribuindo para a verdade histórica, a escritora que viajou pelo mundo das ideias sem perder sua origem com um ponto de vista real, artístico na obra. Consagrou-se em sua prosa-poema de beleza rara e estética.

¹¹Durand, Gilbert. Gilbert Durand funda em 1967 o *Centre de Recherches sur l'Imaginaire*, em Chambéry, na França, que passa a publicar a revista *Circé*. Com uma proposta, também, de interdisciplinaridade, o “Centre” se desenvolve com forte influência das obras de Bachelard e do psicanalista suíço C. G. Jung (1875 - 1961)

Reconhecemos nosso objeto de estudo, utilizando do recurso da fenomenologia e a não possibilidade de alcançar a neutralidade capaz de anular o trabalho da imaginação de Gaston Bachelard, (1989) que nos fala da realidade considerando que a imaginação aumenta os valores reais do espaço nele habitado, nesse sentido como lugar primordial, reconhecendo o mundo como provocação em todas as suas resistências. Na verdade, esse pensamento da ação humana sinaliza a inquietação do eu poético na expressividade lírica da obra, o modo genuíno que a poetisa narra suas memórias de vida.

A experiência textual de Bachelard, não integra a experiência pessoal, ela transcende e se explica através do processo dos valores de intimidade entre espaço e a forma. Nesse caminho trilhado que foi registrado, aparece na cena do tempo e espaço a seguinte citação: A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões e estabilidade. Incessantemente reimaginamos a sua realidade: distinguir todas essas imagens seria revelar a alma da casa. (BACHELARD, 1989 p.36) pertencendo exclusivamente ao homem e manifestando a sua condição de ser no mundo, a partir da revelação da imagem que se conecta à natureza na obra artística. Não poderia haver obra artística sem o recurso do imaginário, por mais singela que nos pareça sua presença:

Ora, só conseguimos entrar em comunicação com o ficcional quando aprendemos a vê-lo como um todo que reclama o nosso imaginário. Ou seja, quando aceitamos uma comunicação menos feita por enunciados do que por imagens. Por certo nem toda experiência do imaginário é uma experiência estética.[...] estético ou não estético – é ser acolhido como uma articulação de imagens, ser tematizado pelo imaginário.(LIMA.1984, p. 61)

Cora Coralina articula e transita pela vida, ora na claridade das ideias, ora na obscura travessia do cotidiano da mulher pelo caminho de pedras (colocamos pedras seguindo a própria autora que, nos livros de 1987 e 1965, escreve em seus versos várias conotações da palavra dando significados variados sobre o valor literário de cada um deles) e tecendo seu tema poético. “Perdida e só.../No clamor da noite/escuto a maldição das pedras./Meus errados rumos./Apagada a lâmpada votiva,/tão inútil.” (Coralina, 1987, p.67) em outro poema se lê: Eu sou o caule/dessas trepadeiras sem classe,/nascidas na frincha das pedras: Bravias. (Coralina, 2014, p.35)

Seja das palavras, que constroem transição entre poesia e prosa, seja pelo fio narrativo carregado de muito lirismo ou até mesmo no entre lugar entre o épico e o lírico no qual alguns escritores como Vitor Hugo, Baudelaire referenda, já registrado anteriormente, alguns aspectos

do conhecimento metafísico, afirmando o pensamento em concordância da vida e obra do homem que fala e expressa na palavra o ser.

Embora nesse trabalho não seja o lugar para que seja refletido a complexidade desses problemas, registraremos apenas a relação artística do objeto ao que se refere ao significado e a forma da arte no momento, não por mero acaso que entendemos esse processo sendo de natureza sensível de criação popular literária coralínea. Assim foi o movimento de Cora no espaço da memória. *A menina feia da ponte da Lapa*, se transformou em Cora Coralina uma mulher madura de setenta anos, autodidata e autora lírica com puro saber humano, pode também relacionar-se como sujeito da enunciação e o enunciado que o revela.

A simples representação, com interpretações fugazes do visível. Com Cora a forma se consolida, ela removeu pedras e removendo pedras levantou *um lugar muito alto e no alto* subiu. Fez a travessia literária que parte do cenário das letras ficando conhecida e reconhecida, atingiu um lugar seguro das relações entre autobiografia e literatura, dando seu nome a pesquisas acadêmicas e se projetando no ambiente fecundo literário.

Continuando esse estudo, será analisada a totalidade do conjunto da escritura, performance, imagem e voz na linguagem poética do sujeito lírico de Cora Coralina, relação obras e teoria que se propõem aspectos intrínsecos de poeticidade, em elementos que constituem o povo, a cultura híbrida, a história, a cidade e a natureza. Todo encantamento provocado pela paisagem da Cidade de Goiás, Vila Boa de Goiaz, como era denominado outrora, as igrejas, as vielas, as casas, os calçamentos de pedra, pessoas tímidas que passam pelas ruas, na identificação amorosa do sujeito lírico com o espaço da cidade.

A escritora debruçada na janela da casa velha da ponte da Lapa, observando o cair da tarde, a visão rebrilhando com rio vermelho que passa ao fundo da casa, proporcionando momentos de sonho e imaginação da musa-mito junto a lembrança de tempos idos, criando a representação da poeticidade que carrega em si, através da construção do espaço na sua imagem e semelhança. A recriação do mundo da imaginação em processo. Como se vê nos poemas a seguir: “*Rio Vermelho*”...

Tenho um rio que fala em murmúrios, / Tenho um rio poluído./ Tenho um rio debaixo das janelas/da Casa Velha da Ponte./ Meu Rio Vermelho.[...] III Debaixo das janelas tenho um rio/ correndo desde quando?.../Lavando pedras, levando areias. Desde quando?...Aninha nascia, crescia, sonhava. (Coralina,1987 p. 44)

A apreensão da sabedoria e o olhar diferenciado sobre o mundo que a cercava, certamente, tinham a ver com a profunda importância que a poetisa concedia à fabulação, ao

caráter imaginário por trás das coisas e dos seres. Claramente se percebe que o caráter contemplativo que em seguida resultará em material de pesquisa para seus poemas não é o mesmo tipo de isolamento como recolhimento do homem contemporâneo, sozinho, vítima de seus sentimentos conflitantes diante de um mundo cada vez menos apreensível, ao contrário, o isolamento torna possível o ser que se manifesta na circunstância do discurso poético de uma autora como Cora Coralina.

Dessa forma, e conforme dizíamos há pouco, é legítimo pensar em outro poema "O Cântico da Volta" complementa o anterior: "O Rio Vermelho, de águas avolumadas, corre, como sempre cantando e pulando de pedra em pedra, como nos dias da minha infância." (CORALINA: 2003, p. 107). Assim se explica o caminho de retorno ao passado para reinterpretar as palavras de uma experiência vivida da poetisa, em sua força originária restabelecendo a significação no presente.

Se o que existe agora é a atividade artística que se propõe um recomeço de modos de vida ou seu processo de morte, na luz indecisa, a experiência central saindo de si mesma ao encontro de sua essência: arte da arte, poesia da poesia. O desejo de *Cora Coralina rapsoda*, justifica a possibilidade de convivência que buscamos entre a arte e a filosofia, particularmente a poesia, quando se pensa em poesia... o próprio espaço se torna uma visibilidade pensante, lugar pensante, onde a palavra é memória e estabelece a unidade viva da arte, cuja tarefa é resgatar o encontro do olhar com as coisas que o interpelam. Ocorre-nos, a propósito, registrar uma estrofe que reclama uma meditação de uma sabedoria pragmática em que a visão coralínea se faz gesto, no poema "Minha Cidade":

Eu sou a dureza desses morros,
 Revestidos,
 Enflorados,
 Lascados a machado
 Lanhados,
 lacerados.
 Queimados pelo fogo
 Pastados
 Calcinados
 E renascidos.
 Minha vida,
 Meus sentidos
 Minha estética
 Todas as vibrações
 De minha sensibilidade de mulher,
 Têm, aqui, suas raízes
 (CORALINA, 1965 p.34)

O discurso do poema *Minha Cidade* apresenta imagens como se tivesse uma lente ou um instrumento ótico de observação, onde Cora se debruça e contracenava com a natureza de uma forma singela, porém com movimentos e capacidade de informação visual amplo de simetria e contraste. A palavra é contada com versos e é nivelada nomeando a existência das coisas traçando o descortinar das cenas da paisagem, fazendo tudo emergir aos olhos do leitor. A abordagem memória em Cora Coralina se configura em recordar, passeia pela expressividade lírica e voz poética que nos remete a subsídios de pertencimento da poetisa a sua cultura local.

Foi esse tormento diante da natureza que nos fez ver pela primeira vez, e captar objetos com seus pontos de contato delicados e sutis, também contemplar o colorido com agudo dos matizes do infinito, e a contemplação faz viajar as longas distâncias sem sair do lugar, não isola o homem de seus sentimentos. Dessa forma o sentimento junto com a palavra, a informação, o fluxo de valores, os costumes, as ideias, os estilos, favorecem a homogeneização do acontecimento histórico da identidade cultural.

O que se deve reter do comentário do último bloco do poema é o que se manifesta na obra coralínea, ou seja, o esmiuçar e revelar elementos: “Eu sou a dureza desses morros, lascados a machado, lanhados, lacerados. Queimados pelo fogo”, criados pela manifestação de anunciar um novo começo na história. O fogo, único elemento que temos que buscar esquadrihar, fogo consumidor, tocha olímpica da poesia, e possibilita o discurso do eu lírico voltado às forças dos elementos naturais, trazem em si uma espécie de revelação profética contidas no pensamento humano, como se fosse ligada a alma do artista.

Pensamos agora em uma aproximação e julgamos oportuno registrar que, o poema “*Minha Cidade*”, bem articulado como as obras posteriores de Cora, não é um sujeito em face de um objeto, mas o espaço em questão do ser que manifesta em um mundo que nos provoca e faz parte de um dia pleno, intocável e inesquecível. O artista da palavra: desperta as formas secretas do idioma [...] encanta a linguagem por meio do ritmo. Uma imagem suscita outra. (PAZ. O. 1982, p. 68). Assim se explica o livre desdobramento do trajeto da arte *coralínea*.

Poderíamos apresentar o valor artístico de seu texto lírico percorrendo todos os caminhos em detalhes, explorando os traços poetizados das descrições harmoniosas das coisas: aquele momento eterno que a flor irrompe a manhã em brilho e cor, aquele instante entre o entardecer e a noite, àquela hora secreta do início da noite em que olhamos o céu e as estrelas nos devolve o olhar piscando. Reciprocamente promoveria um alargamento das possibilidades enriquecidas e entrelaçadas no espírito do artista.

Poderíamos apresentar agora, a título de marco decisivo desse caminho, e dessa aventura, a obra moderna até o momento contemporâneo da poetisa Cora Coralina, que procurou obstinadamente a integração e reunião de linguagens, memórias, tempos e espaços em forma de emoção nos seus textos poéticos. Retomamos as nossas considerações sobre os caminhos de Cora, a arte está solicitando de seu contemplador a aceitação. Como se sabe, seria legítimo pensar que em seus novos caminhos e desvios, entrelaçados no espírito do artista em sua obra, permaneceu em todos os momentos autênticos por fidelidade à sua disposição ao mistério, do mundo que o tempo presente se reintegra o passado.

Possivelmente quando Cora retornou a Goiás, em 1956, foi recebida friamente. Seus conterrâneos, tinham gravado na memória as aventuras da moça que fugiu grávida com homem casado. Contrariando familiares. Ninguém perdoava, visto que o ocorrido se deu em uma cidade do interior nos idos dos anos 50, envolvendo um povo com costumes pudicos e preconceituosos. Como se trata de uma poesia centrada no *agonismo* estético que perpassa as várias etapas de fortalecimento cognitivo da autora, alguns momentos se mostram decisivos, como o retorno da autora à terra natal e a fria acolhida:

Tudo deserto.
A longa caminhada
A longa noite escura.
Ninguém me estende a mão
E as mãos atiram pedras.
(O Chamado das Pedras. DENÓFRIO 2004, p.231).

A poetisa deixa transparecer todo seu silêncio contido no tempo em que passou fora, auto-exilada e se declara através da poesia como quem tem de passar por um teste de aprovação, bela forma de expressar, um meio em que o eu lírico se comunicava de maneira magistral. Escreve como quem deixa transparecer **sua nostálgica e sofrida volta** (grifo nosso):

Sozinha...
Nua. Espoliada. Assexuada.
Sempre caminheira.
Morro acima. Serra abaixo.
(Errados Rumos)
(CORALINA: 1987, p.65)

O seu livro desafia o fator, pessoal, social histórico, e memória. Estranhamento e nostalgia da vida anterior e pressentimento da vida futura que se misturam, o excesso de liberdade, e a falta de liberdade ao mesmo tempo, Cora reflete sua infância e velhice em sua própria escrita, desde quando decidiu ser escritora e permitir-se da palavra e do uso das palavras

Reverenciando seu segredo entrecortado por frases, descreve de uma maneira tão leve e dura ao mesmo tempo, o envelhecer, “*Volta... Volta... Volta... E os morros abriam para mim/ imensos braços vegetais.*” daí se lança para um mergulho no imaginário, antecipa o salto para o outro lado da margem. “E os sinos das igrejas/ que ouvia na distância/ Diziam: Vem...Vem...Vem... Reconhecimento mais pleno da vida, e simplicidade mais grávida no despertar do entardecer poético da autora. Segundo Octavio Paz em sua obra *O arco e a lira*, que bem assevera:

O universo está imantado. Uma espécie de ritmo tece o tempo e o espaço, sentimentos e pensamentos, julgamentos e atos, e faz do ontem e do amanhã, do aqui e do além, da náusea e da delícia, uma só tela. Tudo é hoje. Tudo está presente. Tudo está, tudo é aqui. Tudo está em outra parte e em outro tempo. Fora de si e pleno de si. E a sensação de arbitrariedade e capricho se transforma num vislumbre que é todo regido por algo radicalmente distinto e estranho a nós. O salto mortal nos põe diante do sobrenatural. (PAZ, 1982, p. 153.)

Esse estranhamento é forma do próprio existir, no momento exato que futuro e passado se fundem em palavras, formando um conjunto de imagens que instiga, permite pensar quando o saber é insuficiente, e oferece um horizonte – Contemplação do eu lírico e a memória fértil que é instigada. *Cantando teu passado, cantando teu futuro. Incontáveis* (volta ao imemorial) a poetisa faz alusão a uma sensação de movimento e fluidez diante desse comportamento metafórico, “Sou raiz e vou caminhando/sobre as minhas raízes tribais[...] aprendeu no seu sofrer e no seu viver, (Sou Raiz) cujos ingredientes misturam fuga da cidade de Goiás com volta a Cidade de Goiás...

E é por essa fuga que ela encontra noutra lugar o sentido da liberdade, interrompendo com isso toda a iniciação literária e cultural que vinha adquirindo em Goiás. Daí porque, entre família e fuga, ela soube voltar ao ponto de partida e construir, na velhice, com força telúrica da sua vivência na região, um belo depoimento pessoal – Memorial –de grande importância para o conhecimento da mulher e da cultura do Planalto Central nos anos que se seguiram à República e à Abolição da escravatura no Brasil. (TELES, 2018. *Jornal Opção*)

Dessa forma entre fuga e volta ao ponto de partida, que Cora se lança no seu entardecer poético da vida, produz seus versos carregados de seu ser. “*Perdida e só.../No clamor da noite/ escuto a maldição das pedras./ Meus errados rumos./ Apagada a lâmpada votiva,/ tão inútil.*”(Coralina 1987 p67). O fragmento coralíneo fala na obra como verdade da circularidade e sensibilidade poética e filosófica, do pensar, do mistério do homem criando seus mitos. “*O tardio encontro.../ passado o tempo / de semear o vale / de colher fruto. / O desencontro. Da que veio cedo e do que veio tarde./ A candeia está apagada. / E na noite gélida / eu me vesti*

de cinzas. "É nesse sentido que nasce a linguagem lírica que se inspira na realidade e é na realidade que se fundam e se repousam os poemas.

Literatura (popular), e assim em seu exílio voluntário foi construindo sua nova vida de poesias, contos, doces e poemas-prosa. Cora se apropria da palavra, do signo, do simbólico, do imaginário e a partir dessa apropriação de tema poético, vive em estado de graça com a poesia, como afirma Drummond em carta a poetisa.

III. A POÉTICA LÍRICA DE CORA CORALINA

Ali, Ana compreendeu que, para chegar ao poético, precisa-se alcançar o abandono da dor, atingir o não ser e entregar-se ao vazio da morte.[...] permitindo a transparência de sua essência.

LIMA, Fátima¹²

Ancorados no ponto de vista estético e no imaginário poético de Cora Coralina, embasamo-nos tão somente em algumas obras cuja expressividade lírica se adequa ao teor do nosso projeto, dito isto, podemos nos resguardar de uma crítica puramente imanentista ou mesmo biográfica e expressionista. Nosso objetivo é retratar a privacidade da verdade, que ora será ocultada, ora revelada. É possível dizer que em alguns momentos o próprio artista desconhece ou perde o controle do seu trabalho, a arte (a vontade de arte) constitui, pois, uma outra realidade; a arte deve se constituir como puro devir, paulatinamente rumando sem direção e sem depender de ideias, da sintaxe e do sentido, da regra ou modelo.

É importante registrar, que a arte preserva sempre a sua especificidade, na obra coralínea, por exemplo, admite o sujeito lírico em sua expressividade. Os poemas aqui representados têm fortes ligações com a poesia moderna. Tecer palavras com clareza e desenvoltura é uma característica que a poetisa desenvolveu, provavelmente nos longos anos de gestação de seu fazer poético. E enfatiza a poesia lírica dos tempos idos sem ter posse do instrumento musical, a Lira: *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (1965). *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha* (2013), *Meu Livro de Cordel* (1987). Recorreremos a outras obras no percurso dessa pesquisa se caso for necessário.

Acreditamos, portanto, que já tenhamos seguido pela trajetória poética, onde a arte projeta, aprofunda e recria a sua historicidade. Nos poemas escolhidos até o presente momento encontramos, a voz lírica, semelhante ao engenho de arte, em que imagens se conjugam à expressão verbal para produzir um texto que é linguagem e objeto no mais genuíno sentido de estética da arte que nos revela pelo homem e dá sentido a vida.

Poderíamos compreender todos os movimentos de construção artística de Cora, embasada por uma nova filosofia da linguagem e da existência. É verdade que visto sob uma perspectiva falada, teríamos a simultaneidade e alternância de acordes de vozes dando uma

¹² Lima, Fátima.2018 p. 42

totalidade ao discurso.

Ora, em seus novos caminhos e desvios a obra coralínea se propõe presença e, reciprocamente como fortuna entrelaçada no espírito da artista. De um estilo vigoroso e maduro. Entretanto fiel ao estilo de sua produção, é por esse caminho que Drummond chega a dizer que seu livro é um encanto, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás!

O que é tocado, ouvido, degustado, sentido, pensado, passam por um processo dialético, tece e destece, nasce e re-nasce. Isso se apresenta porque o artista é o artesão de sua arte como produção do ser. É oportuno lembrar que a intenção foi aproximar eu lírico e performance artística, acompanhar a trajetória poética na história – e nesse movimento uma segunda aproximação[decorre da primeira], no sentido do viver localmente e do pensar globalmente da escritora Cora Coralina, inscrevendo-se no próprio destino do ser.

Não é difícil ser fiel ao estilo de sua reflexão. Ressaltamos alguns momentos importantes da análise, buscamos refletir coisa bem simples, por ser o lado coisa na sua singela natureza. Existe, pois na firmeza da pedra, na flexibilidade da madeira, no poder de nomear palavra a presença no jogo da arte, lugar de origem da arte que se acha na natureza e somente quem consegue captar suas formas e expressa na criação, a possui.

A mesa que a poetisa fez o poema não é mais o mesmo móvel, já que deu sustentação a obra poética, onde andou, o que olhou, sentiu, tocou, com quem conversou... essa reflexão traduz a essência do ser. A produção passa por processos desde os dotes de escrever o que revela a memória, o sentar na cadeira e reproduzir as imagens por estímulos ou não, até a obra concluída, porém perpassa pela ação que orienta concretamente a fabricação do ente que o revela. O artesão juntando cada fragmento para tecer a obra.

3.1- Obra *Coralínea* – Criação Poética

*Ana transformou-se em Cora Coralina [...] Ana seguiu criando seus poemas.*¹³

Consustanciação a criação poética são antigos artifícios utilizados na antiguidade pelas mais variadas religiões, tanto no sentido daquele que erige o altar para louvar ao Senhor quanto para o devoto, invocar significa, nesse sentido, o de repetir o ato criador primordial. No caso de Cora Coralina, a autora se coloca diante das lembranças-imagens que guardou dentro de si para formar um verdadeiro poema visual. É por isso que, na análise de alguns poemas desta obra, empregamos as expressões; imagem metafórica e imagem simbólica. Entre ambas existe apenas uma diferença de estilo e intensidade.

Vive dentro de mim
 Uma cabocla velha
 De mal olhado,
 Acocorada ao pé do borralho
 Olhando para o fogo,
 Benze quebranto,
 Bota feitiço...
 Ogum, Orixá.
 Macumba, terreiro.
 Ogã, pai de santo...
 (CORALINA, 1965, p. 31/33)

O telurismo de Cora Coralina atinge uma dimensão raramente vista no panorama da poesia brasileira. O sincretismo é pouco usual na poesia goiana, some-se ainda o fato de a autora se manter fiel às diversas formas de manifestações religiosas da Vila Boa, um verdadeiro caldeirão de culturas. No plano da técnica, o poema está livre dos ditames da escrita dependente da rima, porém, o desejo de não se prender às regras não significa ausência de elementos técnicos que diferenciam um poema de outro texto, seus poemas possuem um ritmo e uma sintaxe própria, servindo-nos de um poema onde o sujeito lírico personifica e sugere ao mesmo tempo, a poetisa cria uma ilusão primária poética de fazer com que o leitor se atenha a ela, e desenvolve a imagem de realidade transfigurada pelo fogo eterno do verbo. É possível dizer que, associa-se o fogo ao sobrenatural, por vezes reforça o poder da narrativa mítica. Nesse sentido, antecipa Pesquero:

No poema “Todas as Vidas”, a poetisa fala de sua identificação real, e não acadêmica, com “todas as vidas”: a mera vida obscura das lavadeiras, das roceiras, da mulher da vida, das cozinheiras, da cabocla de mau-olhado, da mulher do povo, numa

¹³ (Lima, Fátima. 2018, p.48)

cumplicidade afetiva e efetiva. (PESQUERO, 2003, p.51)

Atribuindo significação emocional acima das emoções sugeridas, a autora pode usar as aventuras de sua própria vida ou o conteúdo de seus sonhos. Cora, o mito, deixa-se revelar, sugere metáforas, traz para a obra sua vida seus infortúnios, suas crenças. Faz presença do seu eu protagonizando a cena de seu mundo interior. Cora, corajosa, destemida, forte e misteriosa. Coralina, vermelha como chama acesa. Sugerido pela própria poetisa: *Coração vermelho*, de caráter profundo. A esse respeito sobejam as palavras de Drummond: ...tão gostoso pronunciar este nome [...] elucidando e preparando esse enriquecimento através da abertura total da sensibilidade. E “surdinando música de sereias antigas e de dona Janaína moderna”. (Coralina, 1985, p. 13)

Sua revelação e relação com o sobrenatural, carregada de lições manifestadas cheias de maestria voltadas às ciências ocultas e seitas espirituais, a artista da palavra e do verso livre desperta as formas secretas do imaginário, intocável e pleno, servindo-nos da mulher na presentificação e temporalidade; que é o próprio homem e que, por conseguinte, dá sentido a tudo em que toca e evoca: *Ogã pai de santo...*

Há toda uma família de figuras em torno da reticência ou em torno da preocupação de dizer menos para dizer mais, podendo-se enquadrar nessa família a preterição, o suspense, a litote, a elipse, a silepse, o zeugma, o silêncio (a assemia absoluta) e a nossa reticência ... nem sempre bem usada, sobretudo pelos iniciantes, que procuram suprir a coerência interna da enunciação pela manifestação dos três pontinhos do enunciado (...) (TELES, 1989, p. 15)

Extremamente significativas a respeito são as palavras de Teles, dedica aos três pontinhos com uma elegância ímpar, em linha reta e dinâmica, desloca docemente o lápis do papel. O papel desperta de sua condição de branco, dando início ao apelo íntimo e mútuo em sua variedade entre o preto e o branco, configurando coerência se utilizado com conhecimento, assim o uso desse recurso próprio, decorre o suspense, o silêncio que parte do artista, daí nasce arte das reticências. No clima dessas questões, cabe aqui sinalizar a continuidade do poema:

Vive dentro de mim
A lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
D'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
Pedra de anil
Sua coroa verde de são-caetano.
(CORALINA, 1965, p. 31/33)

A caminhante na vida busca esquadrihar cada detalhe da memória, retoma aromas do passado, objetos ligados ao cotidiano, como lavar roupa no rio e as atividades domésticas habituais. Pela janela, o eu-lírico recria o cotidiano da cidade, a memória da poetisa contém toda gama de sabedoria popular, esse é seu objeto de perquirição alegórica, alegoria intensificada extraordinariamente pela presença-aparência do Rio Vermelho. Uma imagem recorrente e simbólica da passagem do tempo, um centro que se esquiva para as margens, imagem movente como a imagem poética de aninha.

Se a poesia, em si, é a arte de dizer o indizível, a imagem que recria o ser, possibilita uma reconstrução da memória de uma realidade e um olhar em profundidade. O discurso artístico de estilo está presente na maioria das produções de Cora, o eu lírico fala em nome do conhecido/desconhecido por meio da linguagem que o interior da obra realmente desvelar. Das criações eminentemente líricas, o “Rio Vermelho” uma teia imagética de alto teor de poesia, onde a autora se identifica. Ainda seguindo o pensamento de Pesquero:

É possível dizer que a análise de alguns elementos da estrutura do poema, permite antes de tudo se pense na transformação semântica da própria palavra “*Vive dentro de mim*” vai da indicação à reflexão de conotação feminina em relação a diversidade de vidas que envolve eu lírico; Cora Coralina é um coração vermelho” – coração vermelho de amor e paixão por sua sócia imaginária: a lavadeira do Rio Vermelho”, “a filha da lavadeira” (PESQUERO,2003, p.26)

A crer nas suas memórias e na fragilidade de sua evocação (e a maioria de seus textos são autobiográficos), ela descreve (2003) p.108: “Ouço as lavadeiras do rio Vermelho... Vejo, metidas n’água, as tradicionais mulheres da terra. Cafusas, morenas trigueiras e retintas, de idade indefinida; têm a seu cargo fazer limpa a roupa suja da cidade”. Surge dessa forma,o poder afirmativo nessa pesquisa no sentido vital de apropriação da escritora de Goiás da palavra poética. Pesquero enfatiza:

O feminismo de Cora não é de revolta nem de rivalidade com a figura masculina. Nem tampouco é de passividade. Ela canta a glória anônima de sua grandeza, vivida e usufruída no silêncio obscuro do servir à causa da vida, nos mais humildes afazeres domésticos e vitais. (PESQUERO, 2003, p. 51)

O poema espelha uma ação, dá nova vida ao cotidiano que se perdeu no tempo e ritualiza-a como forma de arte, a vida cotidiana e rotineira da vida pacata do interior como uma arte que não pode fenecer pela ação do tempo, note-se, por exemplo, as inúmeras citações sobre aromas que são tão límpidos que ficam gravados na memória, e novamente Cora escreve e descreve aquelas imagens vivas dentro dela; como uma lembrança viva na memória. Ao mesmo tempo, uma época vivida cheia de recordações, confundindo a essência do homem e a verdade

do Ser tão profundo da poetisa. Pensando nessa reconstituição da vida como um vir-a-ser pela via da arte, o filósofo alemão Martin Heidegger (1989, p.6) assevera: [...] em tempos como os de hoje, mais que nunca, faz-se urgente esta indagação, este pensar original que procura reunir em um dizer, o dizer do Ser.

O poema deixa de ser palavra e história, passa a se efetivar como pura transcendência. Cenas que se passam pelo rio, adorna e o percorre e levam os aromas, e tece a linguagem aos tempos atuais, inimagináveis aos novos, que não se repetirá jamais.

Vive dentro de mim
A mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute benfeito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
Toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.
(CORALINA, 1965, p. 31/33)

Cora Coralina, desnuda para o leitor a abordagem desde a sua identidade personificada, a refletir sobre a especificidade da sua obra de que há pouco falávamos: a originalidade e a atualidade. Cora antecipa, com seu dizer poético – reconhecimento telúrico, étnico, e histórico, através da força, da sutileza feminina, demonstra essa verdade libertadora e promissora para tornar-se uma leitura agradável. Nesse gesto, nessa inspiração, disposição para a vida que decorre de metáforas e simplicidades e se justifica como temperos da vida. Interessa ao nosso tema, investigar, dentro do contexto do pensamento coralíneo, como o referido texto foi elaborado.

Por isso prosseguimos os caminhos percorridos, desde o capítulo anterior, que, focaliza a problemática coralínea que se manifesta nos conceitos da esteira modernista. Dissemos também que o mistério do tempo se perde na dimensão do conceito filosófico da poética em movimento da poetisa.

Os escritos de Cora são a “lavra” em que se descobre a dimensão de seu heroico esforço para “ser-si-mesma”. Embora ressaltados por críticos renomados, seus méritos literários não são abordados aqui. O que importa neste ensaio é palmilhar o caminho sáfaro, pedregoso, da menina feia e solitária que, e vintém em vintém, de becos em becos, se constrói pessoa, torna-se rapsoda e mestra da vida. Que emocionem seus poemas, mas que sua grandeza ensine a suprema felicidade de lutar para ser-si-mesmo. Apesar dos monturos da vida, das pedradas de cada dia e da solidão de sempre. (PESQUERO, 2003. P. 38)

Quem a estudou, entre os conceitos fundamentais que marcaram o destino de sua obra, indaga: o que vive dentro? Com a pergunta, já antecipamos a resposta: O preciso instante. O turbilhão de mistérios e pensamentos vividos pelo eu poético que se materializa, a palavra com toda liberdade possível, dando espontaneidade a expressão.

É por esse caminho que Cora não se prende a ideia tradicional da arte como cópia da realidade. Ela desvela a essência das ideias, da palavra, dos versos e metáforas, traduz e se serve da matéria informada em seu núcleo mais simples, termos ligados a culinária: “pimenta, cebola”, temperadas com sentidos bem aplicados na maneira de ser do sertão, da vida no dia a dia, que liga a simplicidade e não requinte da prosa e o sentir da poetisa da contista em verso narrativo, na estabilidade da luz de seu ser.

Entretanto, fiel ao estilo com signos, sons, sabores, cores e outros materiais que simbolizam o sentido real do estado da palavra. Convertem-se em outra coisa, a linguagem tocada pela poesia, universo significante formando frases. A poetisa abraça seu universo de estilos e reflexão descreve através de palavras, diante a variedade de coisas que vive dentro de si.

Cora Coralina traz consigo nesse jogo da arte a mensagem da vida ampla de forma pura, nomeando a existência das coisas e fazendo emergir aos olhos do leitor um tapete, traçando e entremeando sua escrita com maestria no sentido de trazer a compreensão de sua verdade: a lenha, a pedra, a cozinha antiga, a panela de barro, os temperos naturais, a mulher cozinheira e borralheira, Ana, Aninha.

A poetisa desvela a existência das coisas por meio do texto poético e lírico, quebrando o silêncio das palavras e revela o poder da existência, da vitalidade, do raciocínio, da observação, da filosofia e da poesia. Um exemplo da variedade de seu pensamento filosófico:

Vive dentro de mim
A mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
Desabusada, sem preconceitos,
De casca-grossa,
De chinelinha,
De filharada
(CORALINA, 1965, p. 31/33)

Cora Coralina, a mulher que viveu todas as vidas e escreveu-as, confirma o amor

próprio de pertencer recíproco da descendência goiana, iniciou precocemente na escrita, ao mesmo tempo guardou por mais de quarenta anos as memórias pensadas e escritas de sua infância. Voltou para sua cidade de Goiás (Goiás Velho), local de inspiração e produção de toda obra. A artista literária expressa seu sentimento e experiência em sua obra *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*: “Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém. Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando a minha gente.” (CORALINA, 2013, p.135)

Duas características pertencem a este verso, voltamos ao poema em análise: “A mulher do povo”: Cora viveu no meio do seu povo, nessa perspectiva, a ideia de cultura é simultaneamente intensificada, é oportuno lembrar que envolvem memória narrativa em prosa e poesia. A partir daí sua produção escrita passou a ser vista como um todo já completo, que necessita ser analisada, propagada como genial e enaltecida sob a força e a magia do mito à apresentação ao mundo e a revelação a terra como bem apresenta a conotação feminina expressiva numa linha tênue, com reflexo –a infância – a juventude, a maturidade sensata dos setenta anos– deixa sempre entrever por uma tapeçaria bem tecida, os fios de historicidade textual.

Pelo exposto é razoável dizer que a temática de uma imaginação que corre por veredas secretas nos parece bastante elucidativa, pode-se notar, por exemplo, que diante desse jogo entre repetição e diferenças, em uma perspectiva sobre as identidades, sejam elas locais, nacionais, o que fascina é, antes de tudo da independência da poetisa. O discurso do mundo atual, apresentam-se claramente em seus textos (obra) com descrições na identificação metonímica das coisas da Cidade de Goiás. Se pensarmos, por exemplo, em certa tendência modernista...como lugar da consciência de todas as formas de verso, de ruptura, tradição, da reflexividade que tem raízes na razão no poema.

O mesmo acontece dentro de sua obra literária e repercute dentro de sua produção, o não ausentar do mundo e dos seus conflitos, não expõe de forma sutil, mas real. Se penetrarmos no sentido pleno da literatura autenticamente goiana, esbarraremos na originalidade no modo pelo qual a autora tece os dramas sociais com forte personalidade e domínio.

Foi pensando no que a poetisa escrevia, contava e emitia seus conceitos de indignação, de forma solitária por ela mesma sustentando, seu esforço e reflexão que identificamos em seus textos, os versos livres, líricos e humanos. A poetisa, não obstante o seu autodidatismo, transita entre o culto e o popular, transformando-os em componentes imperativos de sua poética, que não só registra a linguagem de um tempo mas também as implicações socioculturais que dela

advêm. (TELES, 2007, p. 103). Veja o exemplo do poema *Todas as vidas, vive dentro de mim...* Ela usa critérios e conceitos baseados no tema central da fala e de sua identificação com os detalhes mais elementares da vida cotidiana.

É o convívio com essas experiências, a compreensão das coisas vividas que justifica o fazer do filósofo – essa aventura de angustia, tecida na admiração que a poetisa canta a glória de sua grandeza. Vivida e usufruída, na consciência feminina e segue seu percurso, Desabusada, sem preconceitos, De casca grossa. O que vive? A mulher, a musa, na obra que há pouco falávamos: de chinelinha, e filharada. Identificações fortes demonstra essa verdade antiga.

A caracterização introdutória do conceito do mundo que vivia dentro da autora parte do eu poético, toma amplitude de coisidade, a partir das características da fruição e intuição do tempo, de um ser criado por Deus em sua totalidade, mas lapidado e produzido nas trincheiras das pedras, que se revela a todos os seus leitores que souberem ler e compreender o tema que desabrocha, mostra o ser do ser “eu” poético complexo e intangível; sem preconceito literário e de palavras livres, que sugerem retoricamente o que o leitor precisa descobrir, de forma telúrica.

Não polida em seus trejeitos da fala (Bem linguaruda), entre outros conceitos, Cora coralina demonstra o modo de produzir sem rodeios, sem restrições e ao mesmo tempo restritamente com texto elaborado a partir do valor estético, sem definição da coisa e da matéria, usa a franqueza do poder da voz poética em movimento. Sabemos que quando a poetisa entra em cena e descreve no verso, o seu ser, a sua história, cria a imagem de finitude e idealiza uma obra incomum, como veremos mais tarde, qual será seus usos e costumes, senão o retrato ocular e imagético da realidade do cotidiano e elucidá-lo.

A arte faz signo, a narradora faz seus versos populares elaborados, que no fundo é uma maneira telúrica de fazer ecoar a sua linguagem à proliferada riqueza da vida. A autora acrescenta, ao definir o ser uma visão muito particular da existência que representa todas as coisas, como tendo sido criadas todas as vidas, seu agonismo estético se estende para uma profusão de personagens: a mera vida obscura das Anas, Aninhas, Anocas, enfim todas as *anas* representadas e aplicadas pela mulher Ana.

Vive dentro de mim
A mulher roceira.
Enxerto da terra,
Meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.

Analfabeta.
 De pé no chão.
 Bem parideira.
 Bem criadeira.
 Seus doze filhos,
 Seus vinte netos.
 (CORALINA, 1965, p. 31/33)

Um recurso muito utilizado em seus poemas e contos é o de recriar-se continuamente como um “outro”, não se trata de comparar o conteúdo de seus poemas aos fatos que poderiam ou não ter acontecido, mas de recriar e ressignificar pela vida como novo trajeto da imaginação que descreve a experiência do pensar, não a verdade histórica de Ana Lins, mas aquilo que poderia ser, uma alternativa para a vida. Aqui a escritora, que viajou pelo mundo das ideias sem perder sua origem leva ao extremo a vontade de unir vida e arte, promotora técnica de sua expressividade visual modernista. Lúcida de sua condição de liberta das dificuldades narrativas que a prendia entre métricas e rimas. Consagrou-se em tema livre de prosa-poema, ou poesia narrativa de beleza rara e estética.

Usou conhecimentos que aprendeu com sua Mestre Silvina a professora nos primeiros anos do ensino primário. Apesar de escrever em um de seus versos: *enxerto da terra, analfabeta*, soube se posicionar na circularidade do ver/pensar na vida com o recurso lírico que havia adquirido na escola da vida. Por isso, bem como o olhar intelectual, retirados das obras dos grandes pensadores do qual Cora teve acesso trabalhando na Livraria José Olympio, acreditamos que dali cavou valiosos conhecimentos.

Vale ressaltar que, quando morava no interior de São Paulo, o próprio espaço foi propício para registrar uma valiosa gama de conhecimentos teóricos que a funcionária Cora teve acesso. A partir de tudo que já foi dito, percebe-se a questão de reconhecimento literário dos filhos da tradição da época recorrente.

O breve aceno que fizemos sobre as teorias e sua provável filiação estético-teórica, é também importante ressaltar a modéstia da poetiza ao citar no seu verso analfabeta, De pé no chão, não usado como um desdém pela autora, e sim no intuito de sinalizar o outro lado que interferiu direta e indiretamente no seu desempenho artístico, digamos até o topo da sua carreira como poetiza reconhecida do Brasil Central.

Nessas considerações reina uma ambiguidade: reúne produções voltadas para uma poética de linguagem coloquial, a conexão homem e Natureza, nomeando objetos que usa e consome, e cria a riqueza de seus poemas. Se consagrou mesmo tendo poucos recursos, em termos de escolaridade, como se isso fosse um obstáculo, o que na verdade, podemos deduzir

que acabou sendo um trampolim para enaltecer sua produção escrita com riquezas de recursos, enfim, desafios e conseqüentemente uma biografia de originalidade que transcende a autobiografia que a anciã guardava com maestria e segredo. Agigantou em palavras ao conceituar um lugar. Lugar esse que claramente foi tão amado e contado.

Assinala a autora ao escrever *meio casmurra*, se admitindo obstinada. Ora, em seus “novos” caminhos e desvios, esse lema reafirma o sentido dessa aventura pela descoberta de sentidos: *Entre pedras cresceu minha poesia./ Minha vida... Quebrando pedras e plantando flores./ Entre pedras que me esmagavam/ Levantei a pedra rude/ dos meus versos.* (CORALINA, 1987, p.13). Tentemos refletir um pouco sobre esse breve aceno a seguir.

É possível dizer que o verso citado faz referência a sabedoria que encontramos em Eclesiastes na Bíblia. O artista semeia, trabalha a terra, prepara, arranca, ara, planta, enfim há para todas as coisas um tempo determinando pelo Criador. A arte como vontade criadora dá seu fruto, muda, altera, produz e é representada pelo caminhante que semeia em constante movimento. Existe, pois um fenômeno artístico do sujeito lírico que brota e revela o mistério e a força imantada da terra.

É oportuno dizer que nessa dimensão sem imposições estéticas previamente definidas, estão presentes nesse cenário da obra de Cora, a pluralidade de sentidos, estrutura de comportamento, sujeito lírico, forma transitória de caminhos misteriosos, recriação estética e energia expressiva no ritmo livre de seus versos:

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
Tão desprezada,
Tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.
(CORALINA, 1965 p.31-33)

O eu-lírico não apenas se irmana da “mulher da vida” como também a ela se identifica. O que até agora se via, antes de ser visto, é contemplado mentalmente. A complexidade da busca do destino poético e não do destino do autor, uma ação despreziosa cheia de significados para a senhora das palavras simples, mas que buscava discutir e refletir sobre temas que a sociedade de sua época evitava.

3.2 “A Vida Mera das Obscuras” de Cora Coralina

*Todas as vidas dentro de mim
Na minha vida –
a vida mera das obscuras.(CORA CORALINA)¹⁴*

Críticos e leitores não tardaram em debruçar-se sobre a obra coralínea, desse modo emergem as mais variadas possibilidades de leitura, quase sempre tendo como foco a voz lírica singular da poetisa velha do Rio Vermelho, que Cora Coralina trouxe para o cenário da sua poesia, entretanto serão trazidas a lume os conflitos, as contradições internas e seus limites e atuação, sua infância que nos remete a pensar no modelo feminino obscuro e rejeitado, pelos olhos do espírito, do corpo e da imaginação, criando personagens como a lavadeira, a prostituta, as vozes afrodescendentes, e as releituras da história e da cultura nacional desenvolvida pelas mulheres, como avaliações contemporâneas.

“Alguns exemplos mostram a ampla faixa do mundo das identificações pessoais de Cora, fazendo seu coração adquirir as dimensões universais de sua gente, de sua sócia, a mulher “obscura”, da terra, das águas, das plantas, dos bichos e da cidade”. (Pesquero, 2003. P. 50)

Nessa breve análise é oportuno tratar-se aqui do poema temático em questão, em suas oposições e contrastes, que evidenciem a busca da poetisa pelo (ser) no outro, revelando suas dores, aflições e dificuldades do mundo e seus conceitos da sobrevivência em uma sociedade que foge a cada síntese do presente/futuro da realidade machista, nos conduz aptidão para perceber que a obra está viva e fecunda.

Já falamos a propósito, no início dessa pesquisa, que uma tal poética sugere uma historicidade definida em particularidade e complexidade, ou seja, quando Cora olhava para o cenário de produção doando-nos a sua presença, descuidada de si mesma, com denotação de si, já se inscreveu no destino do ser a profundidade da vida. faz com maestria e com conotação feminina, liberdade na criação ou variabilidade temática.

Como já foi dito em outras ocasiões nesse trabalho, o elemento que predomina é o modo da artista de se relacionar com o mundo na distância/aproximação do tempo. Essas secretas relações na literatura brasileira, é presença, ora como mito, ora como modernidade, ora

¹⁴ CORALINA. 2014 p.33.

como arte, ora como pensamento, ora como filosofia, criando laços.

Assim, como o tempo nos fala além das horas, e que não fica estagnada, corre; realiza o cruzar do presente, do passado e do futuro à arte, ou seja, os seleciona e repete. A crer nas suas memórias (e a maioria de seus textos são autobiográficos), se mostrando poeticamente no seu momento de criação, como se pode ver nesse verso:

Ouço as lavadeiras do rio Vermelho... Vejo, metidas n'água, as tradicionais mulheres da terra. Cafusas, morenas trigueiras e retintas, de idade indefinida; têm a seu cargo fazer limpa a roupa suja da cidade (sem alusão malina). Quando de tarde, atravessam as ruas, grandes trouxas alvacentas, equilibradas nas trunfas, têm um cheiro infante e gostoso de gente limpa, água e sabão. (CORALINA. 2003, p.108.)

O discurso espelha ação e retrata coisa que anuncia vida na terra, se observarmos o acontecimento que se dá ao redor do Rio vermelho, a solidez da mulher, fluidas, flexíveis, em fluxo, em continuidade, dominadas pelo “destino da mulher” e conseqüentemente revelada de forma tão intensa que nos remete a ideia sobre doação, com aromas tão límpidos gravados na memória, e novamente Cora escreve e descreve aquelas imagens vivas dentro dela; lembrança viva na memória, confundindo com o ser tão da poetisa. O poema deixa de ser palavra e história e transcende a história, reescrevendo-os. Cenas que se passam pelo Rio representam um tropos figurativo bastante recorrente na obra da autora goiana, imagens que adornam e percorrem campos e aromas, e tecem a linguagem de um passado distante aos tempos atuais, imagens que se renovam pela tessitura poética, que não se repetirá jamais, na relação essencial na condição da mulher que atravessa diferentes épocas.

3.3 A vida que é passada na Literatura Lírica como narrativa articulada: Influência da Reflexão

*O homem se imagina e, ao se imaginar, revela-se.
(PAZ. 1982, p. 165)*

Se é verdade que o artista possa ser ultrapassado pela obra, também se entende que é necessário um mergulho no rio da linguagem dos elementos dentro e fora da obra, ao mesmo tempo. Até que se chegue as profundezas do discurso poético e adequar o ser no mundo, pela ótica da semântica do abandono, da dor, da estranheza, do vazio da morte. Não se trata de uma psicologia da criação, em do que ocorreu ao redor do aparecimento da obra, mas de um estudo que acompanhe a realização e transformação desse elemento: rima interna que identificamos na obra coralínea que sabia jogar com os ritmos. Observamos que é por isso que faz poemas, imagens nas quais se acaba e se realiza. O dizer poético, onde opostos se fundem, em que o homem se torna outro para em seguida, reconciliar-se consigo mesmo. Isso desata o laço que une o homem e mundo.

Dessa forma o sentimento estético que torna a obra possível é o seu acontecimento histórico, é este que se manifesta para os que a contemplam o fascínio artístico da escrita. Refletimos Cora Coralina na consequência mais significativa na sua obra poética. Teria a ideia de movimento, como pano de fundo articulado no caminho da poético permeando a cidade e as pedras de Aninha.

Já registramos anteriormente alguns aspectos da crítica, e para abolir o dualismo de minhas considerações preliminares e conclusivas do último capítulo dessa pesquisa, partiremos para a abordagem desse próximo discurso.

Pelo exposto percebe-se que trabalhara obra completa de seus livros em cada detalhe, a partir de sua própria reserva, ao mesmo tempo nos permitir, um desafio. Essas significações podem ser adensadas se articuladas na questão do pensamento de Ana Lins que ora se ocultou, ora se deixou mostrar em cada etapa de sua vida, na obra.

Foi cavando dentro dos escritos que deparamos com esse verso do poema *Todas as Vidas*: Todas as vidas dentro de mim: Na minha vida. Pensamos agora em uma aproximação de um fato curioso sua poética identidade, fundamenta-se nas razões de que a autora desvela em entrevistas referenciando o possível pseudônimo: as Anas (Aninha, Anoca, tantas Anas que ali habitava e nela habitava)

Em última análise, percebe-se no poema *Todas as Vidas*, o olhar-artista, olhar

profundo, daquele lugar da infância, Cora alcança e se lança em palavras para explicar sua projetiva liberdade literária. Assim se explica nessa criação, a mulher sobre sua identificação real, que sofreu as dores, as decepções, desprezo pelas irmãs e mãe, rejeições (que se deu com sua volta de São Paulo, já uma anciã e sozinha, pelo povo de sua cidade), tristeza, compondo livremente o imaginário, na circularidade e força dos sentimentos que propõe dor, perda e superação que o homem passa em sua passagem pela vida.

Nessa saga chegou ao nome que realmente a consagrou: Cora Coralina, como assevera Gilberto Mendonça Teles:

Nos seus dezesseis anos, quando criou com Leodegária de Jesus e outras senhoritas da cidade de Goiás o jornal *A Rosa* (1907), Ana Lins (a Aninha) teve a inspiração do pseudônimo “Cora Coralina”, o qual no início, quase se perdeu na concorrência com outras sugestões, como, por exemplo, a de “Dora Doralina”, expressão que sera usada muitos anos depois por Raquel de Queiroz, aliás casada com um goiano. [...] No fundo, a mim me parece que seu famoso pseudônimo pode ter-se originado mesmo foi do “rosto corado” da moça de dezesseis anos em oposição ao “*da menina feia, amarela*”, como as suas irmãs gostavam de repetir. Foi portanto uma espécie de compensação psíquica. (TELES. *Jornal Opção* 2018 ed. 2242)

Assim o perspectivismo e a interpretação que leva ao pseudônimo de Ana Lins, pode se explicar como fato originário vindo de seu próprio imaginário: coração vermelho. Cora= coração, coralina= vermelho que a poetisa nos permite associar com várias coisas e nunca nos revelou o real sentido do segredo de seu pseudônimo. Ou a escritora associou a composição de seu nome se inspirando na mitologia *greco-latina*, e compôs seu pseudônimo da famosa deusa dos infernos: cora corada corajosa que Teles o traduziu anteriormente.

Pelo exposto, percebe-se a consequência significativa do nome e sua infinidade de pontos de vista, e compreende-se que a ocultação sempre dominou a essência do ser.

Dentro da história de vida expressa em seus poemas, Cora fala pouco de sua prole, quando as suas reflexões são dirigidas dentro da sua obra, identificamos a vaga expressão e entendemos esse processo como sendo de natureza sensível. A arte preserva sempre a sua especificidade.

Voltamos a insistir no fato de que Cora homenageou indiretamente os seus e se houve uma sutil ruptura [talvez, marcada pela distância, e/ou dificuldade de ir e vir mantendo-se o relacionamento afetivo por cartas] com esses laços, apesar da análise ser feita de seus escritos e entrevistas, entendemos que a pouca citação de ligações consanguíneas nos remete a um pensar na possibilidade de uma omissão proposital da poetisa.

Sua biografia ligada à expressão, sensações corpóreas, narrações é recheada de sua história que compromete o passado e o futuro ao mesmo tempo que rompe com o racional, ligada aos valores que correspondem ao povo da própria cidade e que nela habita. Ao aprofundar o estudo de seus textos, optamos por fazer uma análise da autobiografia e de cunho performático estilizante de trabalhar palavras (trabalho manual), que por sinal estes escritos estão em constante movimento.

Os caminhos poéticos de Cora, assim nomeamos, passa-se completamente na cidade de Goiás, foi uma opção por excelência da escritora, não foi só um lugar de destaque, dentro das circunstâncias de vida e a precisão da necessidade do olhar do sujeito lírico, restaurado pelas lembranças da poetisa, assim uma ideologia marcada pelo regionalismo tratado aqui e pela trajetória na sua obra, que resgata o que existe de humano, de mito, no mundo filosófico de des-velamento. Ocorre-nos, a propósito, registrar a mensagem, que reclama uma meditação: “*Vê-se quanto a inventividade se dirige ao real, quanto o reflexo da arte devolve a sua imagem à vida.*” (MERQUIOR, 1996. p 198)

Em se tratando de uma poesia tão particular, como é o caso da autora goiana, seria importante tentar detalhar os moldes regionais, que são distintos da ideia de regionalismo que habitualmente se tornou prática em um país tão vasto, bem como encontrar elementos significativos da obra, de cada palavra lida na escrita dos poemas para uma representação do espaço das palavras, que se manifestam como sujeitos líricos. Seguiremos dessa forma e a despeito de suas próprias intenções.

Platão afirmava sobre o artista que pouco sabe de si, é um ser “alado e sagrado”, nesse sentido não é impossível afirmar que Cora Coralina estaria, na verdade, buscando construir através de seus versos e narrativas nos versos elucidar não apenas a natureza poética do mundo que a cercava, mas principalmente, recriar esse mundo a partir de uma consciência subjetiva e particular. Por essas e outras razões temos insistido, desde as primeiras linhas deste texto, na circularidade do que foi registrado como significado da poesia, Cora nos dá condições modernas de ofertar ao leitor a sua voz quase coletiva, que não aprisiona o estético. Apenas comenta uma realidade já dada: “*Oferta*”- *Aos Novos que Poetizam*:

Poeta, poetisa teu caminho.
Pega, segura com os dedos
da velha musa
o que resta de poesia
na transição da hora que passa.

Cuida bem da inspiração

que se despede por inútil.
 Cuidado com o adjetivo:
 traiçoeiro, corriqueiro,
 se insinua libidinoso,
 nu, esfarrapado, sem pudor.

Olha a rima indigente, forçada,
 Forcando tropeçante.
 O verso desvalido, maltrapilho.
 A palavra truncada.
 O palavão da moda. O jargão.
 A frese feita.
 O adverbio desgastado
 Pedindo esquecimento
 E posterior recuperação.

Atenção, muita atenção!
 Sem ser chamada – a palavra vulgar,
 esmolambada, sabereta
 vem, e vem para ficar.

A palavra pobre...
 (Coitadinha da palavra pobre!)
 Também tem o seu direito
 de figurar no verso.
 Tudo isso, mais um
 conteúdo miúdo que seja
 e serás Poeta.
 (CORALINA, 1987, p.97)

O chamado para o fazer poético é uma piscadela da autora para a importância de se ter em conta o papel criativo do leitor. Dessa forma, a despeito de suas próprias intenções ao leitor: este é quem tem de saber sobre o que propõe se é poema, se tem poesia, se é verso. No desejo de capturar a sensibilidade a poetisa oferta seu segredo, sua verdade como se dissesse: Cave, sonde suas possibilidades. Como estratégia para pautar a contemplação da obra e seus acontecimentos históricos, bem como a manifestação do sentimento estético, analisaremos o poema dando conotação de uma consequência da verdade histórica da arte, através dos tempos. A vida mera das obscuras. O próprio espaço a torna um ser pensante e ressurgem a grande poetisa, a menina e a anciã Cora Coralina, cuja liberdade criadora que foge do tradicional e nos apresenta a alma das pedras, da mulher da vida, das lavadeiras exaustas e dos rios.

Neste estudo final, sinalizaremos a inquietação do eu lírico na expressividade poética da escritora, o modo genuíno que narra suas memórias de vida. Articula e transita pela vida, ora na claridade das ideias, ora na obscura travessia do cotidiano da mulher pelo caminho de pedras tecendo seu tema poético por tratar-se de estabelecer e enaltecer sua obra para posteridade, e acrescenta:

“Cantoria”

I

Meti o peito em Goiás
e canto como ninguém.
Canto as pedras
canto as águas,
as lavadeiras, também

Cantei um velho quintal
com murada de pedra.
Cantei o portão alto
com escada caída.

Cantei a casinha velha
de velha pobrezinha.
Cantei colcha furada
estendida no lagedo;
muito sentida,
pedi remendos pra ela.
Cantei mulher da vida
conformando a vida dela.

II

Cantei ouro enterrado
querendo desenterrá.
Cantei cidade largada.
Cantei burro de cangalha
com lenha despejada.
Cantei vacas pastando
no largo tombado.

Agora vai se acabando
Esta minha vesejada.
Boto escoras nos serrados
Por aqui vou ficando.

(CORALINA. Ed Global, p. 11, 1987)

Seja das palavras que constrói uma transição entre poesia e prosa, seja pelo fio narrativo carregado de muito lirismo ou até mesmo na aproximação entre o épico, que Cora alcançou a sabedoria e a exercitou livremente no cenário da recriação da vida, expressão literária nítida em sua obra. Assim foi o movimento de Cora no espaço da memória. A menina feia da ponte da Lapa, se transformou em Cora Coralina uma mulher autodidata e poeta que removeu *pedras* e plantou *flores*; hoje faz parte do cenário das letras, ficando conhecida e reconhecida, dando seu nome a pesquisas acadêmicas e se projetando no ambiente fecundo literário. Poderíamos apresentar agora, a título de conclusão desse capítulo: nos reinos de Goiás, Cora dorme profundamente...

“Meu Epitáfio”

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas quebradas de uma lira

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.

(CORALINA. Global 1987 p.95)

A arte está confirmando sua historicidade e identidade, e percorre toda a obra da autora goiana, mas que tem inspiração na moderna alquimia poética, na condição humana. Aninha descreve com veio imaginário, encarna a soma de todas as vozes, do berço para o tranquilo sono eterno.

CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa, tivemos a oportunidade de seguir algumas sendas deixadas pela poesia de Cora Coralina, aproximarmo-nos e acompanhar a trajetória como poetisa e mulher, percebemos que a obra solicita de seu contemplador um mergulho poético que se torna real até as bordas do pensamento que se recusa a espelhar o mundo.

Quando pensamos abordar “*pós-modernidade*” ou “*modernidade*” concordamos que *são* momentos de criação, produção e a capacidade de criar segundo as imposições do discurso. Coloca-se a serviço da invenção (criação) e mostre ao leitor detalhes semânticos, filosóficos, estilístico, estéticos e metafísicos, a grandiosidade de encontrar-se na clareza, que desperta para ética e estética, no sentido de movimento, gerando princípios indispensáveis a um novo homem.

Portanto, sempre a narração de uma “criação” conta-se como qualquer coisa que foi efetuada, começou a ser:

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, casa segmentado riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990. p.14.)

Anotamos a exigência deste estudo, caracterizado pela pertinência de leituras de caráter qualitativo e quantitativo das teorias, das críticas literárias seguidas de análise, uma vez que a pesquisa foi desenvolvida em inúmeras fases, desde a formulação dos fatos até satisfatória apresentação dos resultados.

Ancorados no proceder poético de Cora Coralina, afim de mostrar as peculiaridades de sua poesia, e o leitor se deliciar com o discurso da poetisa, percebe-se, portanto, que a poetisa nos sugere o princípio da libertação pela própria técnica de criar o invisível pelos olhos, pela mente e pelo coração.

Tanto no espaço como no tempo, afirmar-se na trama misteriosa do acaso e do uno, do múltiplo, não pondo em dúvida o caráter mito-poético da arte, em seus desdobramentos, um fato que verificamos também parte do debruçar sobre a temática histórica e memória.

Afim de obtermos, a título de conclusão, uma apresentação da crítica literária na arte de interpretar o valor poético com clareza, mediante as citações dosadas e segundo as

necessidades de não deixarmos perder a aura do objeto de estudo, bem como, suas raízes estilísticas, que ilumina sem questionar e nos desafia a encontrar por traz da arte, a artista e o que o inspirara. Além disso ao percorrer um caminho no espaço-tempo reconheceremos o saber humano, na grandiosidade de sua essência e sua relação com a personagem, desafiando a luz do ser. Nessa confiança o desempenho no breve aceno que fizemos para as teorias dissertativo textual da pura visibilidade pensante da poetisa, para elucidá-la como criadora do visível pela mente, e dessa aventura, a obra de Cora nos conduz:

[...] a ver os seus livros e os poemas inéditos, num trabalho preliminar de preparar os textos de Cora para o futuro leitor. E só depois analisar seus poemas, a partir da linguagem deles, mostrando os textos como eles são, revelando o seu valor pelo modo com que foram produzidos e estruturados. Daí, tenho certeza, sairá não um antimito, mas uma Cora Coralina digna de ser realmente reverenciada como signo, como ícone, como âncora (não como símbolo) da cultura goiana. (TELES, 2017, Jornal Opção)

O mesmo olho que vê a alma da pedra, e dela se materializa a infância como um lugar de contensão, vê também através da memória a possibilidade de propostas futuras como sinais de vida que o observador discerne; pedras da vida cotidiana no tempo e fora do tempo, no espaço erguendo paredes que abrigam o corpo, na dureza dos versos, calçamentos das ruas, construções de muros, à beira do rio vermelho que as lavadeiras batiam suas roupas, nos búzios, no destino da poetisa, enfim, não há esvaziamento de significados, pois ali cresceu sua poesia.

“Das Pedras”

Ajuntei todas as pedras
Que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta e no alto subi.
Teci um tapete floreado
E no sonho me perdi.

Uma estrada,
Um leito,
Uma casa,
Um companheiro.
Tudo de pedra.

Entre pedras cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
E plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
Dos meus versos.
(CORALINA. 1987, p. 13)

E, na pedra da existência dentro desse universo tão amplo, tão cheio de perguntas e respostas, aparentemente hermético, mas compreensível para a escritora que contemplou a vida e a filosofia sobre a existência de tudo.

Na conscientização poética plurissignificante e crítica literária, com ênfase na escrita simples, ou seja, através da própria técnica, a arte desvela a essência, a performance e expressividade lírica da poetisa na Literatura Brasileira. Enaltecendo os ermos goianos. O poema de Cora Coralina é uma nítida imagem da Cidade de Goiás. Nesse contexto o que se pretende é compreendê-la, é ler na sua obra, a imagem do sujeito lírico diante de uma cultura com fortuna poética e sua produção criadora das coisas; com beleza nas relações mais espontâneas da vida.

A linguagem do mito é poderosa, vertical, absoluta, impositiva, sobre os acontecimentos, e não sobre a linguagem deles. Comanda a política, a escola, a literatura popular, a alma do indivíduo. A sua vida. Mas essa linguagem é transitória, com o tempo cede o lugar a outra que a contesta, modifica ou a esquece à luz da tradição ou da nova realidade que vai surgindo. A sinceridade nem sempre é literatura. Assim como os temas (a temática) só se integram na literatura quando se coadunam com a linguagem da obra realizada. "(TELES, 2017)

Definida nossa proposta de trabalho, conclui-se o descobrir [ou re-descobrir] as formas múltiplas da escrita coralínea, que vive na memória de seu povo através de sua passagem pela terra. Assim, deixou-se perceber não só a mulher mais importante do Brasil Central e porque não? Do Brasil. – A pertinência da pergunta se qualifica a título de conclusão, portanto tentaremos responder através de propostas abertas a reflexão e para continuidade de uma futura pesquisa mais aprofundada, quem sabe em forma de tese.

Ao acompanhar a literatura feminina do Brasil, escolhemos como marco decisivo desse caminho, a obra de Cora Coralina que procurou obstinadamente a integração em forma poética em seus textos no cenário literário em Goiás, com seu valor e sua trama misteriosa do uno e do múltiplo, e contribuição com seus textos de temática existencial presente em sua obra, respectivos movimentos, tendências e temas poéticos inéditos para o futuro leitor, como âncora para estudiosos, pesquisadores, professores e todas as pessoas interessadas no conhecimento popular para a história da produção literária cultural brasileira.

RESULTADOS PARCIAIS

2017 - Participação do Congresso da ABRALIC, nas Escritas Contemporâneas: Incurções, avaliações e desafios ao comparativismo. Simpósio de Comunicação com o tema do nosso artigo nos Anais: A Expressividade Lírica de Cora Coralina-Uma Poética em Movimento. P.235

2017 - Participação no Seminário de Dissertações da Linha de pesquisa: Crítica literária, tradução e transcrição;

2017 - Participação do Congresso CIELIN, Conferência Internacional de Estudo da Linguagem. Unb/Brasília Comunicação no Simpósio com o Título: A Voz Poética de Cora Coralina

2017 - Participação Congresso Nacional de Ensino de Ciências e Formação de Professores” - CECIFOP promovido pelo curso de Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Ensino de Ciências e Formação de Professores - GEPEEC, da Universidade Federal de Goiás, Catalão.

2017/2018 - Participação no Grupo de Estudos de Leitura “As estruturas antropológicas do imaginário” de Gilbert Durand; 2017/2018 Leitura “O imaginário” de Daniela Perim Rocha Pitta;

2017/2018 - Grupo de Estudo: Leitura e Abordagens: “A imaginação simbólica” de Gilbert Durand;

2018 - Escrevendo o SUMÁRIO e INTRODUÇÃO; 2018 – Analisando e escrevendo sobre o poema *Minha Cidade* Coralina Cora. Poemas Dos Becos de Goiás e Estórias Mais 1965 comparando com a versão atual 2014, analisando suas diferenças – Leitura das demais obras coralíneas citadas nas referências dessa pesquisa; Leituras teóricas adicionais Heidegger, Martin. *Ser e Tempo*, 2005. Benjamim, W. “*A Modernidade e os modernos*, R.J, 1975;

2018 - Participação no Jornada de Estudos Brasileiros *O Sertão: Imaginário e Materialidades* UFG-Go

2018 - Participação no IV Congresso Internacional de Literatura e 2018 Ecocrítica UFAM – Manaus. Comunicação em Simpósio sob o Título: Poética das Pedras – Entardecer Poético de Cora Coralina.

2018 - Participação do Congresso da ABRALIC, nas Escritas Contemporâneas: Incurções, avaliações e desafios ao comparativismo. Simpósio de Comunicação com o tema do nosso artigo nos Anais: Poética das Pedras.

ANEXOS

Anexo A

Poema de Gilberto Mendonça Teles em homenagem a Cora Coralina: obra gilbertina *Saciologia Goiana*, “Arco-íris” também denominado Coral:

“Coral”

| | |
|-------------------------|---------------------------|
| Cora Cora Coralina | Cora Cora Coralina |
| cora o verde da campina | cora o peixe da piscina |
| cora o vento dos gerais | cora a festa dos pardais |
| cora o peito da camisa | cora tudo que me inspira |
| cora o elo desta brisa | cora as cordas desta lira |
| na divisa de Goiás. | cora o tempo de Goiás. |

| | |
|------------------------------|--------------------------|
| Cora Cora Coralina | Cora Cora Coralina |
| cora o ouro dessa mina | ora lâmina mais fina |
| cora a terra e seus cristais | cora a ponta dos punhais |
| cora tudo que não tenho | cora a força deste tema |
| cora a moenda do engenho | cora a letra do poema |
| moendo o som de Goiás. | na escritura de Goiás. |

Cora Cora Coralina

cora a face da menina

cora a cor dos arrozais

cora o nome que desliza,

cora a coisa mais precisa

na divisa de Goiás.

[*Saciologia goiana*, 2ª ed.,1986.]



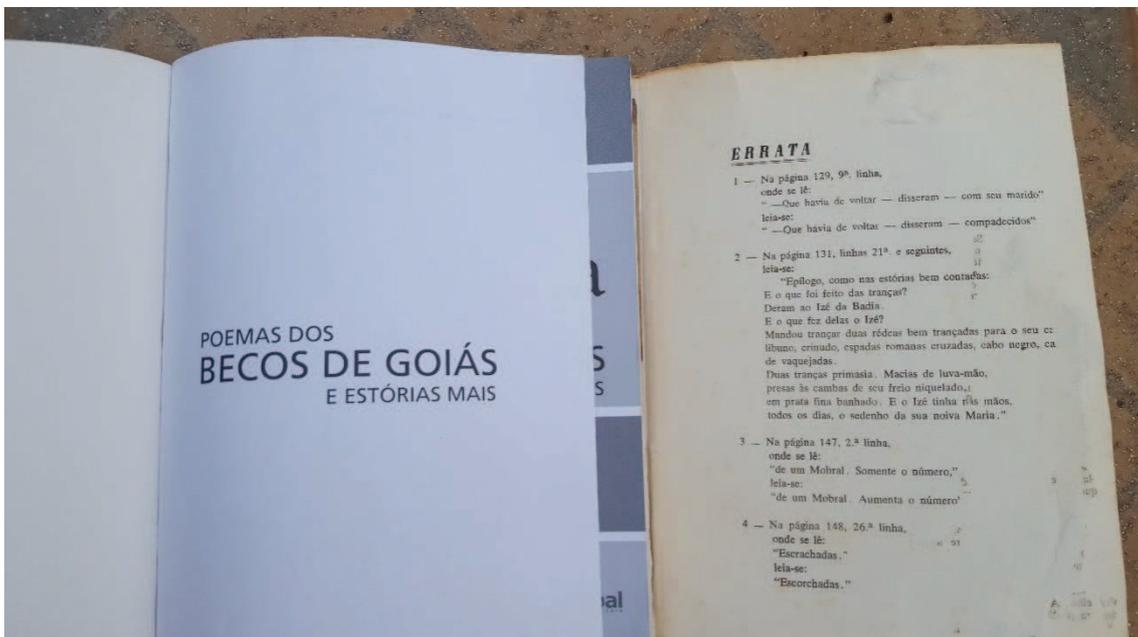
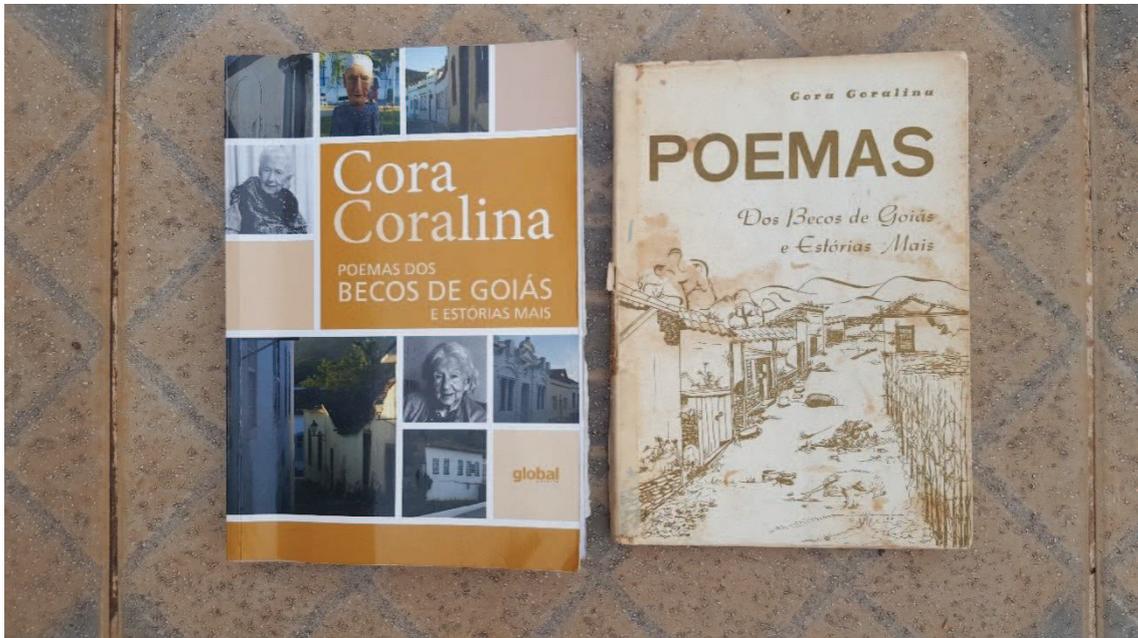
Anexo B

Na figura: Chinelinho rasgado de Cora Coralina, a gênese da libertária identidade feminina de Aninha está exposta nesta foto. O objeto, presença do ser. Meu Interesse futurista conduz em dialogar com o Ser da escritora:



Anexo C

As duas capas analisadas no decorrer da dissertação: 1965 e 2014, sendo a primeira versão com errata e observações de Cora Coralina.



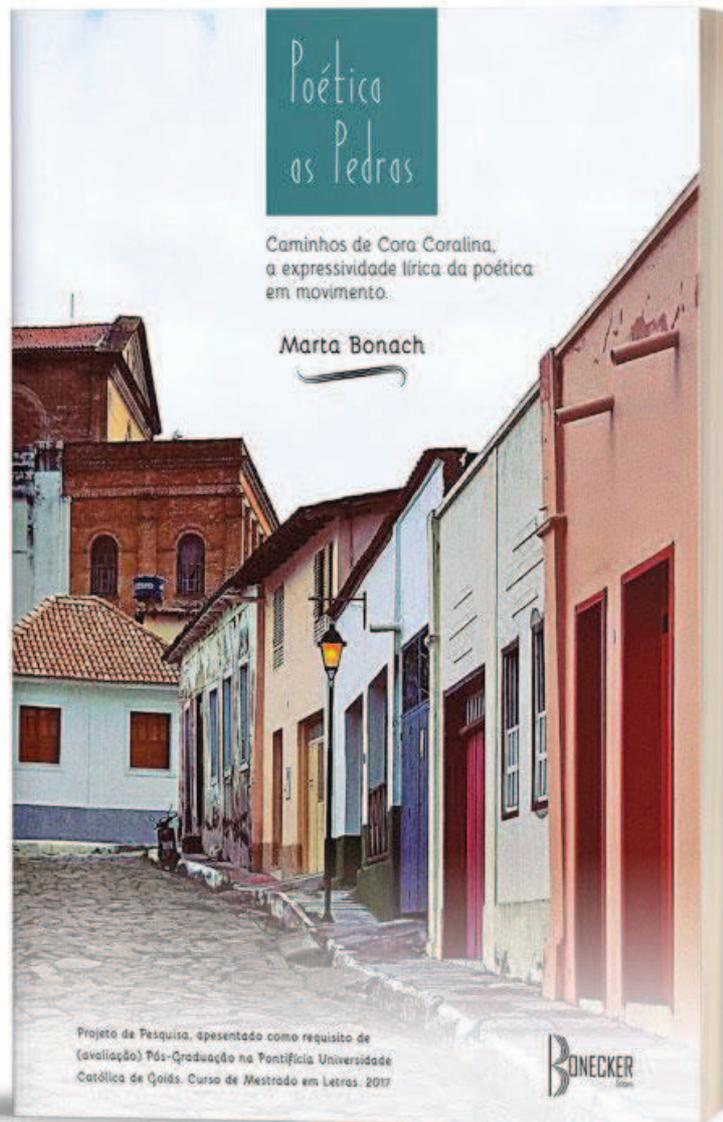
Anexo D

Foto tirada de uma rua do centro histórico da Cidade de Goiás. Ilustração de nosso livro: Pedras Poéticas: Crédito nosso.



Anexo E

Nosso Primeiro Livreto: *Poéticas das Pedras*. Referente ao Projeto de Pesquisa (artigo); da soma de resumo de alguns capítulos dessa pesquisa em processo avaliativo de dissertação, enviado à editora e publicado no ano corrente de 2018:



REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fonte, 1998.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.
- ARISTÓTELES. **A Poética Clássica 1**. A poética de Aristóteles: Da Reflexão a Lei, São Paulo: Cultrix, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **Poética do espaço**. Martins Fontes. São Paulo, 1989. (A primeira edição é de 1957)
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Marins Fontes, 1990.
- BILAC, Olavo. PASSOS, **Tratado de Versificação** Rio de Janeiro:1905 Editoração Eletrônica.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade, lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Cultrix 1977.
- CAMPOS, Maria José Rago. **Arte e Verdade**. São Paulo: Loyola, 1992.
- CORALINA, Cora. **Vila Boa De Goyaz**. São Paulo: Global Editora, 2000.
- _____. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. São Paulo. Jose Olympio, 2014
- _____. **Vintém de Cobre**. São Paulo: Global Editora, 2013.
- _____. **Tesouro da Casa Velha da Ponte**. São Paulo: Global, 2000
- _____. **Meu Livro de Cordel**. São Paulo: Global, 1987.
- DENÓFRIO, Darcy França. **Cora Coralina**. São Paulo: Global, 2004
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. René Lévié. Rio de Janeiro. DIFEL. 1998
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais de poética**. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

HEIDEGGER, Martin. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **A Essência da Liberdade Humana**. São Paulo: Cultura, 2012.

LIMA, Jorge de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 2008.

LIMA, Maria de Fátima. **Cora Coralina e a cidade de pedras**. Goiânia: Kelps, 2018.

PAZ, Octavio. **O arco e a Lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1982.

PESQUERO, Ramón Saturnino. **Cora Coralina: O Mito de Aninha**. Ed da UFG. Ed da UCG. 2003.

TELES, José Mendonça. **No santuário de Cora Coralina**. 3 Kelps. Ed Goiânia. 2003.

TELES, Gilberto Mendonça. **A Escrituração da Escrita**. Editora Vozes

_____. **Retórica do Silêncio I: Teoria e Prática do Texto Literário**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1989.

Ensaaios publicados (Livros), artigos apresentados

BONACH, Martha. **Poética das Pedras**. Rio de Janeiro: Bonecker. 2018

_____. **Entardecer Poético de Cora Coralina**. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

GOMES, Martha Bonach. **Voz da Poesia de Cora Coralina**. ABRALIC: p 150, 2017.

Outros Livros e artigos consultados: Estética e Teoria da Arte

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Martins Fontes. São Paulo, 1989.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva S.A 1987

BENJAMIM, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. In Ver. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1975.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

CAMPOS, Haroldo de. **A Arte no Horizonte do Provável**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CORALINA, Cora. **Coleção Melhores Poemas**. São Paulo: Global 3ª Ed. 2008.

CORALINA, Cora. **Entrevista: “Vox Populi”** TV Cultura, 1983.

COSTA LIMA, Luiz. **O controle do Imaginário**. São Paulo: brasiliense, 1984.

_____. **Mimeses e Modernidade**. In: Formas das Sombras, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. **O signo de Eros na poesia de G.M.T.** Goiania: UFG, 1992. Dissertação de Mestrado.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do Poema**. Rio de Janeiro: Topbooks 1996.

PAZ, Octavio. Marcel Duchamp ou **O Castelo da Pureza**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

TELES, Gilberto Mendonça. **Mito e realidade literária em Cora Coralina ou a Celebração do Celebrado**. Jornal Opção. Literatura Goiana. 2018, ed. 2242.

VELLASCO, Marlene Gomes. **A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1990.

Referências Fonte da Internet:

Google disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=pagina+%E2%80%9Cas+palavras+iluminam-se+de+reflexos+rec%C3%ADprocos%E2%80%9D+da%C3%AD+a+cria%C3%A7%C3%A3o+%C3%A9+significativa+entre+o+eu+malarne&rlz=1C1GCEA_enBR744BR744&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwja6oeO99HdAhVGkZAKHU4IBngQsAR6BAgEEAE&biw=1366&bih=657